

JERZUÍ MENDES TÔRRES TOMAZ

MEMORIAL  
ACADÊMICO

Maceió  
2023

JERZUÍ MENDES TÔRRES TOMAZ

MEMORIAL ACADÊMICO

Memorial Acadêmico apresentado ao Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, como parte dos requisitos para obtenção do título de Professor Titular.

Maceió  
2023

**Catlogação na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**  
Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

T655m Tomaz, Jerzuí Mendes Tôrres.

Memorial acadêmico / Jerzuí Mendes Tôrres Tomaz. - Maceió:  
Universidade Federal de Alagoas, 2023.  
[115] f.

Memorial (Concurso para Professor Titular Classe E) – Universidade  
Federal de Alagoas. Centro de Educação. Maceió, 2023.

1. Tomaz, Jerzuí Mendes Tôrres – Memorial acadêmico. 2. Magistério. 3.  
Ensino superior. 4. Educação. I. Universidade Federal de Alagoas. II. Título.

CDU: 378.124.2

Dedico este Memorial Acadêmico aos meus alunos e alunas que, com imensa generosidade, me possibilitaram exercer a *profissão impossível* preconizada por Sigmund Freud.

*Só eu sei  
As esquinas  
Por que passei, ei, ei, ei  
Só eu sei  
Só eu sei*

*Sabe lá  
O que é não ter  
E ter que ter pra dar  
Sabe lá  
Sabe lá*

*E quem será  
Nos arredores do amor  
Que vai saber reparar  
Que o dia nasceu*

*Só eu sei  
Os desertos  
Que atravessei, ei, ei, ei  
Só eu sei  
Só eu sei*

*Sabe lá  
O que é morrer de sede  
Em frente ao mar  
Sabe lá  
Sabe lá*

*E quem será  
Na correnteza do amor que você vai saber se guiar  
A nave em breve ao vento vaga de leve e traz  
Toda a paz  
Que um dia o desejo levou...*

## LISTA DE FOTOS

Foto 1 - Eu e meu pai no lançamento do meu primeiro livro em 2001	10
Foto 2 - Carteiras de jornalista do meu pai	11
Foto 3 - Autógrafo da bailarina Sonja Bayard, EUA, na cobertura de um Concurso Internacional de Ballet do Rio de Janeiro em 1961	11
Foto 4 - Lançamento do livro <i>Encontros com a Poesia de Osvaldo Chaves</i> , 2010	13
Foto 5 - Colegas da Turma de Psicologia, 1982.1 da UFC	15
Foto 6 - Primeiro livro lido sobre Sigmund Freud do acervo do meu pai	16
Foto 7 - Histórico Escolar por ocasião da transferência do Curso de Psicologia – UFC	17
Foto 8 - Psicanalista Lincoln Villas Boas, 2001	19
Foto 9 - Capa e Sumário da Revista Céfiso n. 14	20
Foto 10 - Lançamento do livro <i>Inventar-se Analista</i> , de Amélia Medeiros, 2003	21
Foto 11 - Capa e contracapa do livro <i>Inventar-se Analista</i> , 2003	22
Foto 12 - Encontro de Psicanálise em Recife na companhia de Ivan Corrêa e Roland Chemama	23
Foto 13 - Banca de Defesa do Mestrado em Literatura Brasileira, 1999	25
Foto 14 - Capa e contracapa do livro <i>Trilhamentos do Feminino</i> , 2001	26
Foto 15 - Entrevista com Lya Luft em Porto Alegre, 2005	28
Foto 16- Em companhia do psicanalista Jacques Laberge, estudioso da Interface Literatura e Psicanálise	29
Foto 17 - Banca de Defesa do Doutorado realizada em 2007	30
Foto 18 - Eu e minha orientadora do Doutorado, Profa. Dra. Izabel Brandão	31
Foto 19 - Capa e contracapa do livro <i>Corpo e Afeto na Escrita de Lya Luft</i> , 2009	31
Foto 20 - Minha primeira turma do curso de Psicologia da UFAL, 2001	32
Foto 21 - Projeto de Extensão do curso de Psicologia no CIAC Virgem dos Pobres	34
Foto 22 - Paula Gomes, monitora da disciplina Psicologia Comunitária II, 2000-2002	35

Foto 23 - Banca de defesa de TCC de Sandra Guimarães	36
Foto 24 - Descerramento da Placa dos formandos de Psicologia – Turma 2003, com Anamarina Soares	37
Foto 25 - Homenagem recebida dos formandos de Psicologia da UFAL, 2003	37
Foto 26 - Festa de formatura de Paula Sampaio na qual fui professora homenageada, 2005	38
Foto 27 - Banca de Defesa de TCC de Leide Daiane Brito e Izabela Martins	40
Foto 28 - Homenagem recebida da turma de Pedagogia 2013.2 coma formanda Gilliane França	41
Foto 29 - Alunos da disciplina Educomunicação da Faculdade de Medicina, 2009	42
Foto 30 - Turma da disciplina Literatura e Erotismo do PPGLL, 2009	44
Foto 31 - Lançamento do Livro <i>A Escrita da Angústia: uma leitura psicanalítica</i> , 2015	45
Foto 32 - Lançamento da Coletânea <i>Gêneros e outros lugares</i> , 2009	46
Foto 33 – Alguns membros do grupo Mar&sal Estudos e Pesquisas Interdisciplinares, 2009	46
Foto 34 - Capa do livro <i>Interdisciplinaridade no Ensino em Saúde</i> , 2017.	48
Foto 35 - Banca de Defesa de Mestrado de Teresa Carvalho, com Prof.Dr. Carlos Henrique Falcão Tavares	49
Foto 36 - Capa e sumário do livro <i>Contribuições do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde para a Integração Ensino, Serviço e Comunidade</i> , 2021	50
Foto 37 - Capa e sumário do e-book <i>Violência de gênero e ódio ao feminino</i> , 2021	54
Foto 38 - Capa e sumário do livro <i>Violência de Gênero - aportes conceituais e estratégias de enfrentamento</i> , 2022	55
Foto 39 - Capa e sumário da coletânea <i>Violência e Psicanálise: atualizações intersaberes</i> , 2021	56
Foto 40 - <i>Colóquio Violência de Gênero: pesquisas e intervenõe no Ceará</i> , 2022	57

## SUMÁRIO

1 NO PRINCÍPIO ERA O VERBO	08
2 VEREDAS DA FORMAÇÃO	10
3 ENTRE A LEI E O DESEJO	32
4 “NADA SE PESQUISA TÃO BEM COMO AQUILO QUE EM NÓS FAZ SINTOMA”	43
5 O FIM É O COMEÇO	51
6 TEMPO DE CONCLUIR	58
ANEXOS	61

## 1 NO PRINCÍPIO ERA O VERBO

A elaboração de um memorial acadêmico pressupõe, de início, a escolha de um tipo de escrita de cunho pessoal, intimista e, por que não dizer memorialística que se diferencia, em muitos sentidos, da linguagem científica. É fato que o texto que ora se apresenta cumpre, fundamentalmente, uma exigência da Universidade Federal de Alagoas-UFAL para a obtenção do grau de Professor Titular. No entanto, elaborar uma narrativa que abrande 23 anos de vivência acadêmica implica eleições, recortes, costuras e o detalhamento de percursos inevitavelmente não lineares.

Diante da exigência acima mencionada, esta foi a minha opção: urdir uma voz autoral que, diante da impossibilidade de abranger o todo, não se furtasse a correr o risco de destacar vivências que marcaram minha trajetória nos níveis cognitivo e afetivo. Aqui possibilitei, abertamente, o diálogo entre a Professora e a Psicanalista, aspecto que discutirei adiante, destacando que a relação primeva com a Psicanálise sempre se colocou como um grande e incômodo questionamento no exercício da *profissão impossível* designada por Sigmund Freud.

Afinal, como transmitir conhecimento levando em conta o desejo, pedra angular do pensamento psicanalítico, e ao mesmo tempo fazer valer a *lei* e suportar o *mal-estar da civilização* que permeiam os processos educacionais? Recordo-me, com nitidez, das primeiras reações dos colegas psicanalistas quando informei que também seria professora. Mais de uma vez escutei coisas do tipo: “Mas como, você vai “policiar” o saber do outro? O Sujeito da Psicanálise está do lado do desejo enquanto o Sujeito da Pedagogia se alia à razão! Isto não seria inconciliável?”

Tais questões não foram fáceis de serem enfrentadas, bem como não tenho a ilusão de tê-las respondido em algum momento. Só deixo claro que foi dentro deste diapasão que construí minha história, com caminhos que se bifurcaram e me permitiram estar agora dando testemunho de uma trajetória de vida e paixão pelo conhecimento que é sempre lacunar, parcial, marcado pela incompletude.

Interessante destacar que o significante *memorial* tem por raiz a palavra memória que se vincula ao que pode ser recordado, rememorado, mas também envolto pelo manto do esquecimento. A este respeito, no vocabulário psicanalítico, pode-se falar de recalçamento, ou seja, daquilo que não pode vir à consciência, mas que comanda a vida psíquica e que não cessa de não se inscrever. Deixo claro que tentar fazer falar os interditos é, também, do que se trata neste trajeto de escrita.

Merece destaque que, segundo historiadores, a invenção da escrita surgiu em torno de 5.000 anos, em algum lugar entre os Rios Tigre e Eufrates. A partir daí, a escritura assumiu sua face revitalizante e mortífera, uma vez que a palavra que possibilita um registro tem potência de vida e de morte e sinaliza para uma certa tensão, uma escolha entre diversas formas de dizer a mesma coisa. Assim, percebe-se que aquele/a que escreve se confronta, em qualquer nível, com a falta de sentido, o desamparo e a solidão, mas também com a possibilidade de ressignificar relatos, experiências, testemunhos.

Partindo do princípio que criar/escrever é experimentar a condição do exílio, uma vez que a linguagem se mostra impotente para revelar o que verdadeiramente pensamos, encaro esta escrita memorialística como uma tentativa de reconfigurar a origem, de voltar à nascente do rio, de apresentar as minhas imagens de pertencimento, do confronto, nada pacífico, com a alteridade, no que isto tem de potente e inacabado.

Penso, também, que aqui se trata de um registro de depoimentos de (des)encontros da minha vida acadêmica e de tudo que foi necessário deixar ao largo e seguir em frente, já que a escrita sempre se configura como perda, na tentativa mesma de deixar falar um pensamento. Afinal, só podemos transmitir aquilo que perdemos. E nem tudo pode ser dito, nem tudo pode ser racionalmente contabilizado.

De antemão, agradeço àqueles e aquelas que, neste momento, se colocaram como testemunhas de uma produção intelectual inevitavelmente marcada por uma subjetividade e que solicita a leitura de um texto que transcende a autora, uma vez que o texto está além de quem o escreve.

Creio que, no testemunho, a palavra do sujeito se insere na transmissão para o Outro de experiências diversas que deve presentificar a dignidade do que foi vivido e apontar para as dívidas simbólicas.

Algo que fortemente aprendi no meu caminhar na Academia é que nada construímos isoladamente. O conhecimento é uma teia que envolve passado, presente e futuro e que nos obriga a renunciar a ganhos narcísicos imediatos. A missão da Universidade, principalmente em contextos sociais como o do Brasil, é formar seres humanos para a humanidade, na tentativa de edificação de uma utopia igualitária, já que somos seres de desafio.

Avanço nesta narrativa com a menção ao conceito africano de *Ubuntu*, que resumidamente significa “Sou aquilo que todos somos”

## 2 VEREDAS DA FORMAÇÃO

Foto 1 – Eu e meu pai no lançamento do meu primeiro livro em 2001



Fonte: da autora

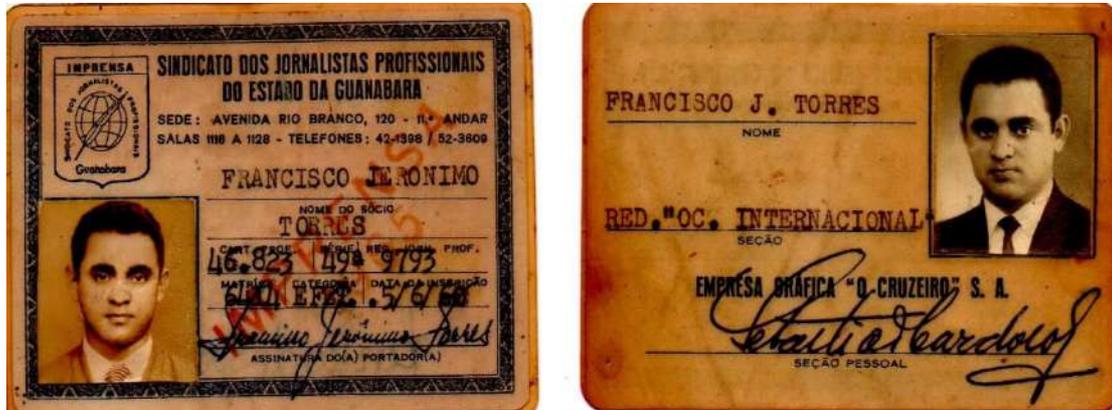
É difícil falar do princípio, identificar onde tudo começa. De acordo com a Psicanálise, temos um desejo primevo, que nos antecede e nos atravessa e que se inscreve na ordem do inconsciente. Assim, falar da minha formação remete, inapelavelmente, à figura paterna, a um homem filho de um agricultor iletrado que almejou escapar da sina de “nordestinado”, como bem cantava Patativa, o Poeta Pássaro do Assaré (1909-2002).

Falo do meu pai, Francisco Jerônimo Tôres, que nasceu em Groaíras, uma pequena cidade do interior do Ceará, situada há 29 km de Sobral, esta última hoje conhecida nacional e internacionalmente pelo investimento inovador em Educação. Devido a precária situação financeira de sua família de origem, Sr. Jerônimo, ainda bem jovem, entrou para o Seminário de Sobral – deve-se lembrar a excelente formação humanística que estas instituições proporcionavam à época -, lá estudou por muitos anos e não chegou a se ordenar.

Como muitos habitantes do Nordeste, migrou para o Rio de Janeiro, trabalhou com repórter profissional no Jornal do Brasil, na Empresa Gráfica “O Cruzeiro” S. A. e na Revista “A Cigarra”. Como repórter fez a cobertura, entre inúmeras outras, do Concurso

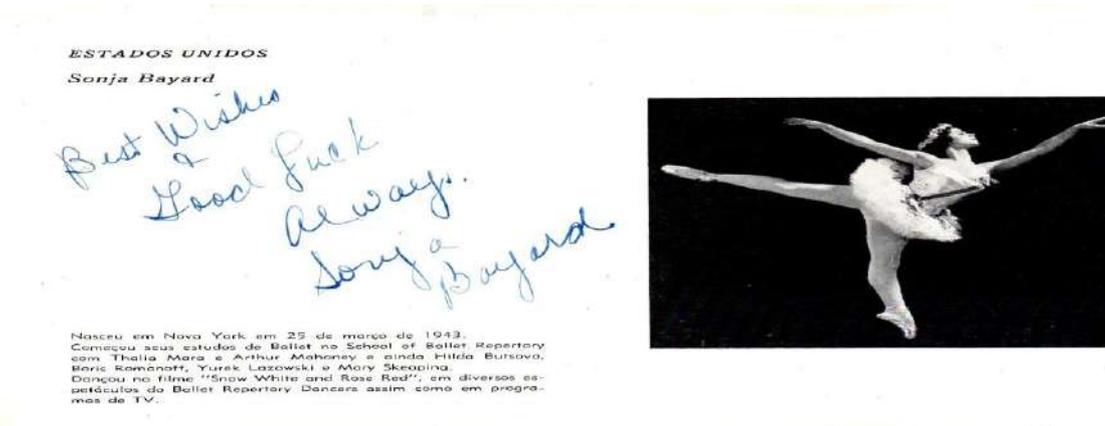
Internacional de Ballet do Rio de Janeiro, promovido pela Revista “O Cruzeiro” e Associação Carioca de Arte, no Teatro Municipal, em agosto de 1961.

Foto 2 – Carteiras de jornalista do meu pai



Fonte: da autora

Foto 3 – Autógrafo da bailarina Sonja Bayard, EUA, na cobertura de um Concurso Internacional de Ballet do Rio de Janeiro em 1961.



Fonte: da autora

O que se deve aqui destacar é que este profissional da “comunicação”, que tempos depois voltaria ao Ceará devido ao fato de minha mãe, a sertaneja e artesã Zuíla Mendes Tôrres, não se adaptar ao estilo de vida do Rio de Janeiro, conviveu com o melhor do clima cultural do então Estado da Guanabara, adquiriu fluência na língua inglesa e garantiu aos três filhos, que no futuro teria, a melhor educação possível. Merece menção que, no retorno a Sobral, estudou Letras e Filosofia e se tornou, também, professor.

Costumo afirmar que a visão de mundo de meu pai, o primeiro embaixador de gênero que conheci na vida, mudou o rumo da minha história. Afinal, não era comum

mulheres da minha geração e da Região Norte do Ceará, na qual nasci, serem incentivadas a estudarem e abraçarem uma carreira profissional. Pertença a um tempo no qual o casamento e a construção de um lar era o primeiro “destino” da maioria de nós. Asseguro que ele me garantiu, ao me apresentar ao mundo do conhecimento, do *logos* muitas vezes negado à posição feminina, o lugar de *ovelha negra*, tão belamente definido por Rita Lee.

Assim, por sorte e obstinação paterna, mesmo com nosso núcleo familiar enfrentando limitações financeiras, estudei em escolas particulares, uma vez que o ensino público já apresentava sinais de declínio e Jerônimo Tôrres era um visionário, intuía que uma boa educação abriria portas para uma vida digna.

Deste modo, pude frequentar, em Sobral, o Patronato Maria Imaculada, no qual me alfabetizei, o Colégio Sant’Anna e o Colégio Sobralense, todos espaços de ensino para os filhos e filhas das elites locais. Como substrato para este desafio, em nossa casa não faltavam bons livros, enciclopédias para pesquisa, estudo de inglês na infância e, para os interessados, idas ao Teatro José de Alencar para assistir a concertos do pianista Arthur Moreira Lima, por exemplo.

No Colégio Sobralense, instituição de ensino ligada à Diocese de Sobral, entrei em contato com um padre e professor de Literatura que, junto com meu pai, transformaria a minha vida e acenderia, no meu espírito, a centelha do desejo de um dia ser docente.

Refiro-me ao Padre Osvaldo Carneiro Chaves, o poeta da Granja. Tive o privilégio de tê-lo como professor de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira no sexto e sétimo anos do atual Ensino Fundamental. Este sacerdote, conhecedor de várias línguas, entre elas o grego e o latim, também poeta e tradutor, influenciou inúmeras gerações de alunos do Norte do Ceará e, particularmente, me abriu caminhos, suscitou interesses e apresentou-me, com muito rigor, ao fascinante mundo da Literatura.

Como metodologia de ensino por ele adotada, tínhamos oficinas de leitura e produção de texto, aulas de oratória e sutis discussões sobre a situação política do Brasil, já imerso no clima da ditadura militar que duraria mais de duas décadas. Ao seu lado, escutei pela primeira vez as palavras *resistência* e *independência*, e entendi que é necessário uma longa trajetória para que possamos integrá-las a nossa vida.

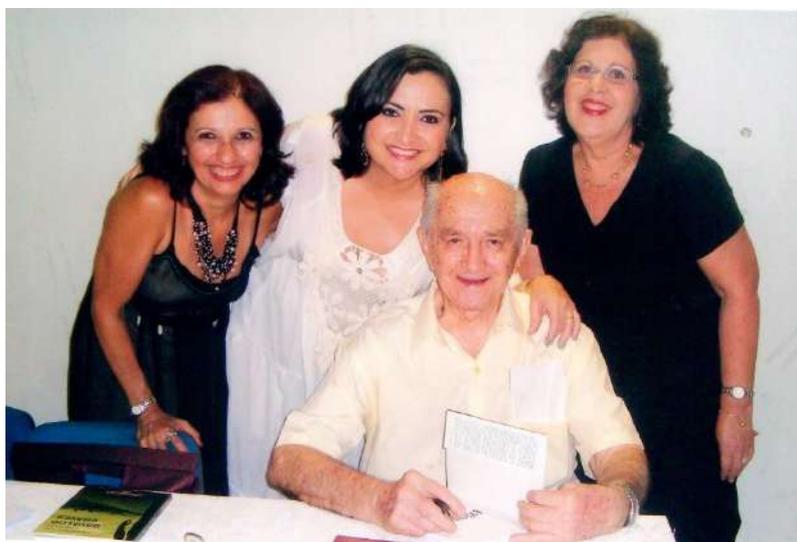
Sempre lamentei tê-lo conhecido tão jovem, quando ainda não tinha nas mãos a coragem para enfrentar a vida e a audácia de ser eu mesma. Como esquecer o professor austero e ao mesmo tempo engraçado que, com seu conhecimento e força moral, nos impelia a enfrentar o medo e nos colocarmos como sujeitos da própria voz e do próprio

pensamento? Como recusar o seu apelo a construir, laboriosamente, a autonomia da fala e da escrita, num país tão marcado por diferenças e exclusões?

O crítico literário George Steiner (1929-2020), ao longo de sua obra, lança luz sobre a particularidade do professor/a fortemente vocacionado/a. Sem dúvida que o carisma do mestre inspirado fascina o discípulo e o faz desejar um dia ser mestre, se assim o merecer. E não nos esqueçamos que o magistério tem profundas raízes na experiência e no culto religiosos, uma vez que nas origens do ato de ensinar encontra-se o sacerdócio.

No convívio com este professor/padre aprendi que transmitir conhecimentos é ser cúmplice de uma possibilidade que transcende tempo e espaço. Percebe-se que despertar em outro ser humano potencialidades e sonhos, fazer do seu presente o futuro dos seus alunos/alunas é tarefa para poucos. E como fundamental ensinamento, Mestre Osvaldo me fez crer que só um conhecimento libertador é capaz de nos livrar do medo, da opressão, da negligência ética tão facilmente encenada em um país como o Brasil.

Foto 4: Lançamento do livro *Encontros com a Poesia de Osvaldo Chaves*, 2010



Fonte: da autora

Após a conclusão do Ensino Fundamental em Sobral, veio o momento de enfrentar Fortaleza, a tão admirada e temida capital do Ceará. Para os olhos de uma adolescente do interior, nada mais atraente e ao mesmo tempo assustador, uma vez que onde tem medo, tem desejo.

O lugar escolhido para concluir o ensino médio foi o Colégio Cearense Sagrado Coração, mais conhecido como Marista, fundado em 1913 por padres diocesanos e que

veio a se tornar uma das escolas mais tradicionais do estado. Durante quase um século de existência, o Marista formou legiões de estudantes da capital e do interior que fizeram história na vida política, econômica e cultural do meu estado de origem. Asseguro que tive uma excelente formação humanística e científica naquele imenso espaço destinado a uma congregação religiosa.

Ali se deu, posso dizer, o primeiro confronto com a alteridade, com a diferença. Estudantes de várias classes sociais, muitos deles bolsistas, conviviam com filhos de famílias abastadas financeiramente, mas que ali encontravam um espaço de diálogo, de troca de experiências.

A autoridade e o carisma de alguns irmãos maristas, entre eles André Guerrino Parisotto, absolutamente me fascinavam. Vivíamos nos primórdios da redemocratização e ele nos falava, corajosamente, do que Chico Buarque e Gilberto Gil queriam dizer quando escreveram a canção *Cálice*.

Impossível não mencionar, também, o contato com o Professor Nelson Campos, que lecionava História do Brasil e que tinha tido suas “dificuldades,” para lançar mão de um eufemismo, com o governo ditatorial. Nos bancos desta escola, no contato com uma brilhante equipe de professores e professoras, burilei meu senso crítico, a habilidade de desconfiar das certezas pré-estabelecidas e me certifiquei de que as narrativas são plurais e que a *história oficial* é sempre contada pelo vencedor e que deve ser ressignificada.

Após três anos como aluna do Colégio Cearense, entre feiras de ciências, a vinda de João Paulo II ao Brasil e viagens para conhecer outros colégios no Nordeste, o fantasma maior se fez notar: era hora de fazer frente ao vestibular, hoje conhecido como Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM, da Universidade Pública Federal do Ceará-UFC. Para uma pessoa com a minha origem, absolutamente não existia a possibilidade de não ser aprovada. “Era passar, ou passar”, como se dizia na época.

Diante disto, o terceiro ano do Ensino Médio foi um dos mais angustiantes da minha vida. Integrei a Turma 6, a famosa T-6, com alunos que eram previamente agrupados por média e que só ficava abaixo, a nível de rendimento, da T-E, ou Turma Especial, destinada àqueles que iriam concorrer nos vestibulares de maior destaque do Brasil.

Por uma enorme ironia do destino, prestei este exame no ano no qual, pela primeira vez, uma seleção desta natureza foi anulada por comprovada fraude. Não teria palavras para descrever a angústia, o desespero em constatar que o meu enorme desgaste de energia psíquica tinha sido em vão! Os professores do Marista, com os olhos da

maturidade, tentavam nos acalmar com um misto de piedade e empatia com o sofrimento do outro.

Um mês depois, refiz os exames avaliatórios e consegui colocação muito semelhante à obtida na “primeira fase”, se assim se pode dizer. Naquela época, a lista de aprovação era lida, em primeira mão, nas estações de rádio e, como era de se esperar, o locutor “tropeçou” na pronúncia do meu nome. Recordo que meu pai estava ao meu lado, como testemunha da minha aprovação, nos primeiros lugares do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, instituição da qual tenho um imenso orgulho de ter pertencido. Minha trajetória de estudo do psiquismo humano começou lá, onde também conheci colegas, amigos e amigas, irmãos de alma que me acompanham até hoje. Deste grupo faço questão de citar os nomes das psicólogas Cláudia Pontes, Cláudia Mont’Alverne, Cristiane Gondim e Mônica Beatriz Sampaio.

Foto 5 – Colegas da Turma de Psicologia, 1982.1 da UFC



Fonte: da autora

Creio que mereça destaque, nesta narrativa, a escolha pelo Curso de Psicologia, já que medicina, direito, odontologia, engenharia eram vistos, naquele contexto, como “profissões de prestígio e futuro”. E a mentalidade vigente, inclusive entre alguns familiares, era que eu deveria ingressar em uma destas carreiras e garantir o meu sustento financeiro logo na escolha do que iria estudar.

Por mais este motivo, sou absolutamente grata ao Professor Jerônimo Tôres por ter sustentado o espaço ético da minha escolha. Fui, deste modo, uma pré-vestibulanda

totalmente alinhada com os meus interesses e afinidades intelectuais. Talvez por isto, pude trabalhar com muita segurança e tranquilidade em um Serviço de Orientação Vocacional, no início da minha carreira como psicóloga escolar.

Faz-se necessário um novo recuo no tempo para mencionar os livros do meu pai e o impacto que exerceram na criança e na adolescente que eu fui, já que falar de biblioteca seria um exagero, devido ao espaço físico no qual eu vivia. Como já destaquei, livros sempre me acompanharam desde a mais tenra idade.

Lembro de folhear a Revista Recreio (impossível precisar a editora), apropriada para a minha faixa etária, bem como ler clássicos adaptados de autores da literatura universal como *Dom Quixote*, de Miguel de Cervantes, aos oito anos de idade, e entrar em contato com várias biografias, entre estas a de Edith Piaf e Madame Curie. Fiquei tão impressionada com a história da cientista que descobriu o poder da radioatividade que, décadas depois, na primeira visita a Paris, estive no Pantheon e localizei a lápide na qual esta mulher extraordinária repousa, entre “os grandes” da pátria francesa.

Mas como as leituras dos meus primeiros anos se conectaram com a “escolha vocacional” da futura estudante do psiquismo humano? Jamais acreditei em acaso! Assim, *não por acaso*, ainda pré-adolescente, encontrei, no acervo de meu pai, a publicação *Freud: vida e obra*, lançado pela Editora José Álvaro, em 1969. Com a visão ingênua que só a juventude permite, “passei as vistas”. E fui imediatamente fisgada pelas inovadoras ideias daquele judeu de nome estranho, que eu nem sabia pronunciar, e que postulou uma inusitada visão do psiquismo humano, o que provocaria uma quebra de paradigma científico ao cunhar o conceito de *inconsciente*.

Foto 6 – Primeiro livro lido sobre Sigmund Freud do acervo do meu pai



Fonte: da autora

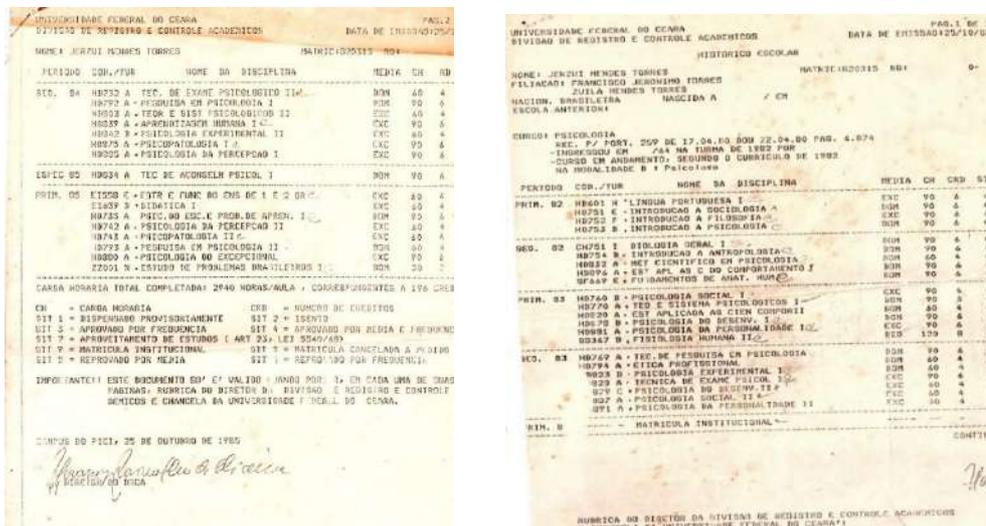
A partir deste encontro com a letra freudiana, o que se deu estaria de acordo com um encadeamento lógico-afetivo que tem como força motriz a potência do desejo, aqui mencionado no sentido psicanalítico, isto é, como o impulso primevo capaz de pôr em movimento o aparelho psíquico.

E qual foi minha surpresa quando, nos bancos da UFC, me dei conta de que Sigmund Freud, que fui apresentada de maneira tão desprezenciosa, era o criador do arcabouço teórico que iria nortear a minha prática como psicóloga clínica, professora e pesquisadora.

Ainda durante os primeiros anos da graduação, entrei em contato, muito brevemente, com o pensamento do francês Jacques Lacan, discípulo brilhante e revolucionário do mestre vienense, por meio da disciplina Teorias e Sistemas Psicológicos II, ministrada pelo Professor Dr. Ricardo Lincoln Laranjeiras Barrocas. Anos depois, este momento seria ressignificado, já que estamos sempre retornando as origens, na ocasião de fazer uma formação em Psicanálise.

Devido à decisão de me casar com o engenheiro João Tomaz, funcionário da Salgema Indústrias Químicas S. A., e vir residir em Maceió, optei por transferir o Curso de Psicologia, após 5 intensos e proveitosos semestres, para o então Centro de Estudos Superiores de Maceió-CESMAC, integrado à Fundação Educacional Jayme de Altavila, onde concluí a graduação. Lembro-me, nitidamente, do instante no qual recebi meu histórico escolar e a coordenadora do departamento, que me conhecia como estudante apaixonada pela UFC, encarou-me e disse: “Você sabe que não tem volta, não é?”

Foto 7 - Histórico Escolar por ocasião da transferência do Curso de Psicologia - UFC



Fonte: da autora

Realmente, eu não poderia voltar atrás, e me deslocar para Alagoas se caracterizou como a decisão que mais afetou minha trajetória de vida. Com a visão ingênua de uma jovem, não fui capaz de avaliar o que significaria mudar de instituição de ensino, abrir mão de um quadro de professores qualificados de uma universidade federal, apartar-me de amigos e familiares e me confrontar com uma estrutura sociocultural que, no primeiro instante, identifiquei como muito hostil, pouco dada a acolher imigrantes e muito especialmente uma mulher.

Inúmeras vezes tive que responder as questões: “De quem você é filha? Com quem você é casada? A qual família você pertence?” Neste momento crítico, entrou em cena outro *Lincoln* da minha história e que possibilitou, mais uma vez, que eu fosse salva pela letra, pelo conhecimento, pelo estudo, desta vez da teoria psicanalítica.

Refiro-me ao psicólogo, psicomotricista e psicanalista alagoano Lincoln Braga Villas Boas, graduado em Psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais durante 2 anos, e com formação psicanalítica efetivada no Centro de Estudos Freudianos do Recife-CEFR, onde participou ativamente de estudos relacionados à clínica e as relações entre Psicanálise e Literatura.

Meu encontro com Lincoln Villas Boas se deu no Instituto de Psicologia de Maceió-IPM, ele como professor das disciplinas Técnicas de Entrevista e Teorias e Sistemas em Psicologia III e eu como estudante “transferida” absolutamente desorientada. Não é exagero assegurar que este mestre, que depois se tornaria um amigo e colega, esteve presente em todas as etapas da minha trajetória profissional, dentro e fora da academia, e me direcionou para o Centro de Estudos Freudianos do Recife acima mencionado, onde viria a fazer a minha formação psicanalítica.

Foto 8 – Psicanalista Lincoln Villas Boas, 2001

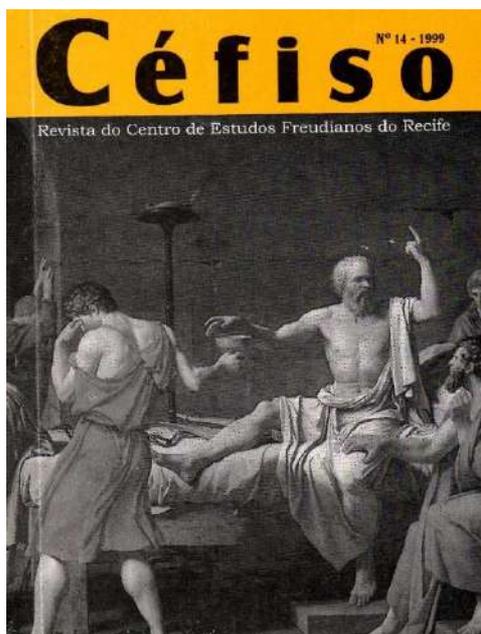


Fonte: da autora

Falarei um pouco do Centro de Estudos Freudianos do Recife-CEFR, do qual fui membro efetivo no período de 1994 a 2012. Esta instituição de *formação em psicanálise* (neste espaço não me interessa discutir as particularidades deste conceito tão caro aos que exercem a clínica psicanalítica) tem sua história referida a um grupo de analistas composto por Ivan Corrêa, Jacques Laberge, Lena Rodrigues, Ana Izabel Corrêa, entre outros interessados no estudo, divulgação e transmissão da psicanálise Freud-Lacanianana.

O CEF-Recife foi fundado em 1984 e, desde então, organiza estudos, seminários, cursos, atividades de pesquisa, tradução dos seminários de Jacques Lacan e publicação de obras relativas à Psicanálise. Devo a este espaço de interlocução o incentivo para teorizar utilizando, fundamentalmente, o referencial teórico psicanalítico. Para ser mais específica, meu primeiro texto na interface Psicanálise/Literatura (área de estudo/pesquisa que se presentificaria durante o mestrado e o doutorado) intitulou-se “Arte/Poesia: a tentação do imaginário”, entrou na programação do Encontro Anual do CEF-Recife, em 1997, e viria integrar a Revista Céfiso n. 14, publicada em 1999.

Foto 9 – Capa e Sumário da Revista Céfiso n. 14



A HISTERIA - UM OUTRO LUGAR .....	129
<i>Amélia Medeiros Oliveira e Silva</i>	
COM TEMOR E PIEDADE .....	135
<i>Eva Kerstman Torban</i>	
A DROGA E SEU PARADOXO .....	143
<i>Gisella Sette Lopes</i>	
ÉTICA E TRANSMISSÃO DA PSICANÁLISE .....	151
<i>Nina Virginia de Araújo Leite</i>	
FRANCOISE MALLE-JORIS: INOCÊNCIA VESUS MALDADE OU O MITO DA FEITICEIRA .....	155
<i>Enaura Quixabeira Rosa e Silva</i>	
ARTE/POESIA: A TENTACÃO DO IMAGINÁRIO .....	163
<i>Jerzui Mendes Torres Tomaz</i>	
QUANDO DOLTO DIZ: "EU NÃO SOU LACANIANA" .....	175
<i>Nazir Ramad</i>	
DE QUE ESQUECIMENTO ME FALAM? .....	189
<i>Roberto Harari</i>	

Fonte: da autora

Mencionar o meu espaço de formação psicanalítica e tudo que vivenciei não faria o menor sentido sem destacar a presença e a importância da psicanalista Amélia Medeiros Oliveira e Silva, estudiosa da relação entre Psicanálise e Literatura, apaixonada pela obra de Clarice Lispector. Amélia, com a qual eu me chamava, nasceu em Acari-RN, fixou residência em Recife e cursou Psicologia na Faculdade de Filosofia do Recife-FAFIRE, onde viria a ser professora. Além disto, foi freira por quase 20 anos e chegou a ser Madre Superiora da Congregação das Doroteias, em Recife. Após se desvincular da instituição religiosa a qual pertencia, viveu na Dinamarca e depois retornou a Recife, onde passou a exercer a prática como psicóloga clínica e psicanalista.

Fazer parte do CEF-Recife significava estar presente nos Seminários de Estudo das quartas-feiras, coordenados por esta mulher ímpar, no intervalo de 20 as 22 h. Devo salientar que nunca morei em Recife, o que significava que tinha que me deslocar de Maceió no início da tarde, percorrer 259 Km, e retornar após a conclusão dos trabalhos. Afinal, a vida prosseguia no dia seguinte e, além da minha função como psicóloga escolar no Colégio Contato-Maceió, minhas filhas eram crianças e demandavam muita atenção, inclusive nos horários de preparação para irem para a escola.

Foto 10 – Lançamento do livro *Inventar-se Analista*, de Amélia Medeiros, 2003

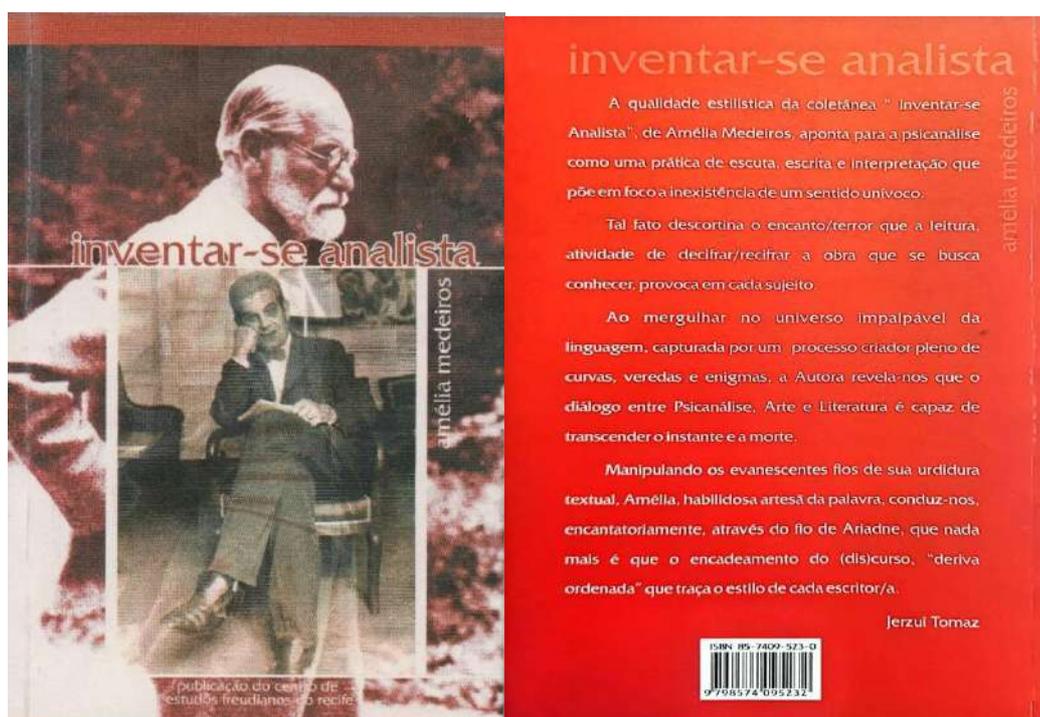


Fonte: da autora

Vivi anos difíceis, mas também muito produtivos. A cada semana, um capítulo de um dos seminários de Lacan, anualmente escolhido para estudo detalhado, deveria ser lido, sumarizado e apresentado ao grupo. Logo após esta etapa, assistia às explicações do psicanalista cearense Ivan Corrêa que, devido ao peso e a seriedade do seu nome, congregava pessoas de várias outras instituições de Psicanálise.

Após longa participação nesta sistemática de estudo, eu e as psicanalistas Marcilene Dória, Margarida Rocha e Ruth Fernanda Cardoso ficamos conhecidas como “as meninas da Amélia”, com o teor ambíguo que o significante *meninas* carregava, no contexto em questão. O fato é que sustentamos a posição de “estrangeiras” que enfrentavam inúmeras adversidades para se fazerem presentes no “grupo da Amélia” e foi possível contribuir, várias vezes, com apresentação de trabalhos, coordenação de eventos, publicação de textos.

Uma das minhas grandes alegrias foi ter sido convidada para escrever a contracapa do livro *Inventar-se analista*, de autoria da minha mestra, publicado pelo CEF-Recife, em 2003.

Foto 11 – Capa e Contracapa do livro *Inventar-se Analista*, 2003

Fonte: da autora

Percebo que o local que escolhi para fazer minha formação psicanalítica me preparou, sem que eu me desse conta, para ingressar na vida acadêmica. Além da iniciação em pesquisa, produção de texto e coragem para sustentar uma voz autoral, estive em contato, durante o tempo que permaneci no CEFR-Recife, com a elaboração teórica de autores renomados, muitos deles convidados nos Encontros Anuais desta instituição psicanalítica, como os franceses Roland Chemama, Alain Didier-Weill e Charles Melman.

Foto 12 – Encontro de Psicanálise em Recife na companhia de Ivan Corrêa e Roland Chemama



Fonte: da autora

Outro ponto a ser destacado era o incentivo de Amélia Medeiros para participar de congressos em outros estados como as Reuniões Lacano-Americanas de Psicanálise, nas quais era absolutamente banal ouvir psicanalistas do porte de Philippe Julien, Gérard Pommier, Jean-Pierre Lebrun. Posso garantir que fui filha de uma mãe “suficientemente boa”, no dizer de Donald Winnicott, que me instrumentalizou nos primeiros passos para, posteriormente, encarar o desafio do Mestrado em Literatura, sete anos após a conclusão da graduação.

O que caberia aqui referir sobre o decisivo encontro com o escritor mineiro Lúcio Cardoso (1912-1968), autor do romance epistolar *Crônica da casa assassinada* (1959), que viabilizou minha entrada no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística-PPGLL/UFAL (1997-1999)? Pode-se assegurar que onde quer que um ser humano sonhe, profetize ou poetize, outro se ergue para interpretar. E a Psicanálise nos ensina que é no entrelaçamento do desejo incerto daquele que escreve e do desejo arriscado do possível leitor/a que se delimita o espaço da interpretação textual. Trabalho de análise infinita, sempre recomeçado e retomado, pois incide sobre a polissemia da palavra. Na relação com o texto literário, pode o/a crítico/a lançar um olhar e produzir o “novo”, a partir de signos linguísticos legados por terceiros.

A leitura do romance do autor acima mencionado, pertencente à segunda fase do Modernismo e que promoveu incursões no cinema como diretor, roteirista e ator, bem como na pintura, nos últimos anos de vida, enredou-me na tentativa de desvendar um enigma textual utilizando o referencial teórico psicanalítico: seria o feminino,

representado pela personagem Nina em *Crônica*, um efeito de linguagem?

Com este tema de pesquisa fui aprovada no PPGLL-UFAL com o projeto “Recortes psicanalíticos em *Crônica da casa assassinada*”, na Linha de Pesquisa Literatura e Cultura, subárea Literatura e Psicanálise, e tendo como orientador o Prof. Dr. José Nivaldo de Farias. Mais uma vez, me senti marcada com os signos da “estrangeiridade” e do exílio, mesmo sabendo que a arte se constitui como o território das diferenças.

Vale registrar que o significante *exílio* pode ser entendido como metáfora da travessia humana, entremeada de desencontros, de ganhos e perdas. Eu era oriunda de outras áreas do conhecimento científico, Psicologia e Psicanálise, e teria que me apropriar, em um curto espaço de tempo, de novos conceitos e de uma nova nomenclatura referentes ao estudo de Literatura. E é fato que, no fazer acadêmico, as fronteiras entre as “disciplinas” quase nunca são pacíficas.

Neste arriscado percurso de estudo, pude constatar que o ser de fala, *falasser*, não pode dizer/analisar tudo, algo invariavelmente morre a caminho. A linguagem, que nasce da perda, não captura, não apreende o real. Deste modo, o texto literário, reflexo de uma inscrição interna, descortina um panorama situado além dos limites do que se conhece e domina. O/a leitor/a, por sua vez, encontra-se implicado na continuação da obra lida, vivenciando a interpretação como um *estar a caminho*, devido à inexistência de consenso simbólico. Assim, um texto se reconstrói e ganha vida no ato mesmo da leitura de quem sobre ele se debruça.

Ao desenvolver a pesquisa de mestrado, contei com a valiosa colaboração da Profa. Dra. Enaura Quixabeira Rosa e Silva-UFAL, grande conhecedora da obra de Lúcio Cardoso, que recebeu uma “estranha no ninho” dos estudos literários e me ofereceu inúmeras vias de entendimento e acesso à obra cardosiana. Como era de se esperar, ela fez parte da banca de avaliação da dissertação intitulada: “Trilhamentos do feminino: uma abordagem psicanalítica em *Crônica da casa assassinada*”, juntamente com o Prof. Dr. Sérgio Scotti da Universidade Federal de Santa Catarina-UFSC, psicanalista e estudioso da interface Literatura/Psicanálise.

Foto 13 – Banca de Defesa do Mestrado em Literatura Brasileira, 1999

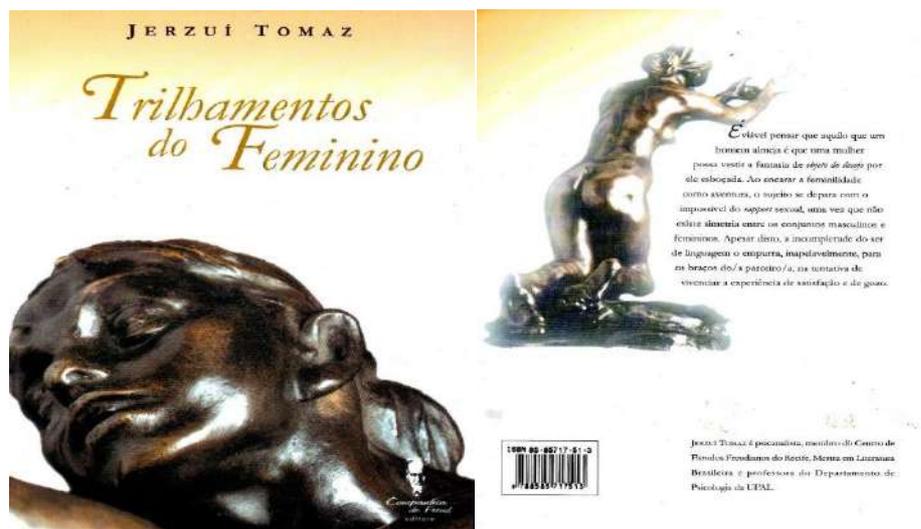


Fonte: da autora

Com a conclusão do Mestrado em Literatura Brasileira constatei que o *feminino* viria a ser o meu tema-sintoma, no dizer da psicanálise, uma vez que “nada se pesquisa tão bem como aquilo que em nós faz sintoma”. A sua especificidade na cultura, uma vez que se instala como um contraponto da completude, do poder falocêntrico atribuído à posição masculina, (devemos contar com os vários reposicionamentos que a contemporaneidade impõe), levou-me a crer que o encontro humano só é possível através da aceitação da falta, que induz o sujeito a se reinventar permanentemente.

O *enigma do feminino* urdido por Lúcio Cardoso, na elaboração da personagem central Nina, discorre sobre o caráter de ameaça que assume a representação da mulher em uma cultura falocêntrica. No universo da *Crônica*, a protagonista personifica o novo, o que foge aos padrões morais e sociais estabelecidos e, como tal, é suscetível de abalar um imobilismo reinante. Adequada metáfora do lugar da mulher/posição feminina em um mundo em constante transformação, pois o “vazio” que particulariza a feminilidade abre espaço para o ato de criação.

Penso que o trabalho que resultou nesta dissertação ensinou-me a dosar distância e proximidade com o objeto de pesquisa. Entre o fascínio pela escrita do autor das Minas Gerais e o interesse pela temática do feminino, ousei interpretar, reconstruir o itinerário de conceitos, fazer dialogar arte e ciência, e neste processo, expus-me a todos os riscos. Como testemunho desta vivência, publiquei meu primeiro livro: *Trilhamentos do feminino*, editado pela Companhia de Freud, em 2001.

Foto 14 – Capa e contracapa do livro *Trilhamentos do Feminino*, 2001

Fonte: da autora

Três anos se passaram para que eu me disponibilizasse a ingressar como doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística - PPGLL/UFAL, já que, neste intervalo de tempo, assumi o cargo de professora substituta do Curso de Psicologia-UFAL. Desta vez, submeti o projeto de pesquisa: “De *As parceiras* a *O ponto cego*: modalidades afetivas e inscrições corporais no universo feminino de Lya Luft”.

Lya Fett Luft, gaúcha de Santa Cruz do Sul, estreou como romancista com a publicação de *As parceiras* (1980). A partir daí, lançou vários romances, livros de poesia, ensaios e crônicas e ocupou o lugar de colunista da Revista *Veja* durante vários anos. Foi também tradutora premiada e transliterou para o nosso idioma obras de Bertold Brecht, Virginia Woolf, Hermann Hess, Rainer Maria Rilke, Günter Grass, Sylvia Plath, Thomas Mann, Doris Lessing, Robert Musil e Dürrenmatt.

Percebe-se que o projeto ficcional luftiano contempla o universo feminino, enfocando questões ligadas à sexualidade, repressão familiar e traumas psíquicos vivenciados, fundamentalmente, por uma legião de “mulheres perdedoras”. Discorre também sobre o “estranho universo masculino”, sobre o “teatro” imposto culturalmente às relações homem/mulher, o que engendra papéis sociais falsos, frágeis e, ao mesmo tempo, imobilizadores. Ouso afirmar que o humano é o grande foco de interesse da escrita literária luftiana.

Meu encontro com a escritora dos pampas se deu por intermédio da Professora Dra. Izabel de Fátima de Oliveira Brandão, quando cursei a Disciplina Tópicos

Avançados em Literatura Brasileira, ainda no Mestrado. Após a leitura do *O rio do meio* (1996), me senti fisgada pela letra da contadora de histórias que, utilizando uma linguagem aparentemente despretenciosa, descreve a posição feminina, como já se disse, a condição de “mulheres tão densas quanto estranhas” e põe em cena temas como amor, vida, morte, maternidade falhada e reconstrução psíquica.

Durante o percurso no Doutorado, contei com a preciosa orientação da Professora Dra. Izabel Brandão, poeta, escritora, estudiosa de Literatura de Língua Inglesa, Literatura de Autoria Feminina, Crítica Feminista, Ecocrítica Feminista e Mitologia. Tive o privilégio de cursar a Disciplina Tópicos Avançados em Literatura Brasileira: Teoria e Crítica Feminista, especialmente por ela estruturada e tendo como diretriz meu projeto de estudo e pesquisa, na qual me confrontei com uma visão panorâmica da produção textual de Lya Luft.

Devo destacar também a minha incursão, guiada pela orientadora, nos estudos de Mitologia, uma vez que os romances que elegi para análise apresentam uma reescritura de Mitos como o das Fiandeiras, Mito de Ariadne, Mito da Travessia do Herói/Heroína, Mito do Andrógino, bem como a presença de figuras do imaginário infantil, com destaque para bruxas, fadas, duendes e anões.

A Crítica Literária Feminista me forneceu instrumentos com os quais pude investigar o lugar da mulher no imaginário sociocultural, as relações conflituosas entre o *feminino* e o *masculino* e, principalmente, a fragmentação identitária feminina.

Não seria possível construir uma narrativa sobre o que vivenciei e aprendi ao longo deste percurso de pesquisa sem fazer menção ao tempo em que morei em Porto Alegre, de junho a dezembro de 2005. Com o apoio da Profa. Dra. Izabel Brandão e a generosidade da Profa. Dra. Susana Borneo Funck-Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC que, gentilmente, me cedeu seu apartamento na capital do Rio Grande do Sul, tive acesso à ampla fortuna crítica do meu objeto de estudo.

Pesquisei em arquivos de Bibliotecas Públicas, da Casa de Cultura Mário Quintana, da Biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul-UFRGS, em sebos da Rua Riachuelo, bem como assisti entrevistas da autora em eventos literários locais.

Como um suplemento desta vivência em POA, estive presente na primeira edição do Fronteiras do Pensamento, evento hoje consagrado nacionalmente, na Bienal do Mercosul, na Feira do Livro de Porto Alegre e em inúmeras atividades promovidas pela Associação Psicanalítica de Porto Alegre - APPOA. A APPOA é uma instituição de

Psicanálise com larga tradição em ensino e pesquisa, na qual conheci a Psicanalista Ângela Brasil, membro analista, e que me encaminhou para o rico acervo de publicações de livros e periódicos sobre temas da teoria freudiana relativos aos meus estudos, com destaque para as discussões sobre a diferença sexual.

Asseguro que ter respirado o ar local do Rio Grande me fez entender muitas nuances sobre a posição feminina retratadas por Lya Luft, na construção ficcional das suas heroínas ou anti- heroínas. Como ponto culminante desta vivência destaco a entrevista que realizei com a autora. Não sem ansiedade, consegui agendar um encontro através de e-mail e me enchi de coragem para estar face a face com a literata. Não preciso dizer que estruturei um roteiro de perguntas, treinei o uso do gravador (na época era o recurso que dispúnhamos), compareci pontualmente, mas nada foi capaz de antecipar o impacto que senti ao estar diante dela.

Lembro um postulado freudiano que nos garante que o medo caminha de braços dados com o desejo. E assim foi! Ver aquela mulher de alta estatura, de fenótipo nórdico abrindo a porta, recebendo uma pesquisadora desconhecida com tanta gentileza no seu próprio apartamento, e respondendo a todos os meus questionamentos, me fez crer que o “sacrifício” para estar no RGS tinha valido a pena. Nunca esquecerei a força, a erudição, a mistura de autenticidade e generosidade que a presença desta escritora irradiava. E o que mais aprendi ao me debruçar sobre a legião de personagens femininas luftianas é que as marcas psíquicas de seres silenciados se inscrevem, irremediavelmente, no corpo erógeno, corpo que é tecido nas tramas da linguagem.

Foto 15 – Entrevista com Lya Luft em Porto Alegre, 2005



Fonte: da autora

Tal ensinamento seria muito valioso quando decidi, muitos anos depois, no Pós-Doutorado (2020-2021), trabalhar com Mulheres Vítimas de Violência de Gênero no Programa de Pós-Graduação em Psicologia-PPGP da Universidade de Fortaleza-UNIFOR.

Na tentativa de minimizar uma dívida simbólica, portanto impagável, menciono a importância dos estudos com o Psicanalista Jacques Laberge, canadense radicado no Recife e um dos responsáveis pela introdução da obra de Jacques Lacan no Brasil, e grande estudioso do conceito lacaniano de Real.

O entendimento do Real de Lacan mostrou-se imprescindível para instrumentalizar minha análise do corpo erógeno das personagens luftianas e a relação com aquilo que “não cessa de não se inscrever” e sempre escapa às redes da linguagem. Em encontros semanais, durante mais ou menos um ano, deslocava-me para o Recife e discutíamos a interface entre Psicanálise/Literatura, uma vez que Jacques Laberge é, também, um profundo estudioso de Literatura, com destaque para a obra de James Joyce.

Estas supervisões teóricas, como se denomina na Psicanálise, cimentaram o meu entendimento para sustentar que, às personagens de Luft., era apresentada a possibilidade de transformar *sintoma*, o que resulta do mal-estar da divisão subjetiva, em *sinthoma* que se define como uma possível amarração do psiquismo, o que evita a queda do sujeito na psicose.

Foto 16 – Em companhia do psicanalista Jacques Laberge, estudioso da Interface Literatura e Psicanálise



Fonte: da Autora

Minha defesa de tese intitulada *Marcadores afetivos e inscrições corporais no universo feminino de Lya Luft* ocorreu no dia 30 de março de 2007 e se deu em condições bastante adversas. Estava atravessando graves problemas pessoais, o que me levou a desenvolver um processo de afonia. Foi penoso atravessar as quatro horas de duração da sessão de defesa da tese. Era necessário intervalo entre as arguições para fazer exercícios prescritos por uma fonaudióloga, Dra. Gabriela Sósteses, que colocou a minha voz em “ponto de tese”.

Apesar disto, como Jacques Laberge me fez notar em uma gentil mensagem de e-mail, enviada às vésperas do grande dia, “dizem que as melhores cantoras são as roucas”! Estava com uma baixa potência vocal, mas não amordaçada. Felizmente, pude contar com a ética, a seriedade, o conhecimento livre de opressão de Professores/as Doutores/as como Helena Parente Cunha- Universidade Federal do Rio de Janeiro/UFRJ, Edson Souza-Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, Enaura Quixabeira Rosa e Silva-Universidade Federal de Alagoas/UFAL e Sheila Diab Maluf-Universidade Federal de Alagoas/UFAL como a suplente mais gentil e atenta que conheci na vida.

Foto 17 – Banca de Defesa do Doutorado realizada em 2007



Fonte: da autora

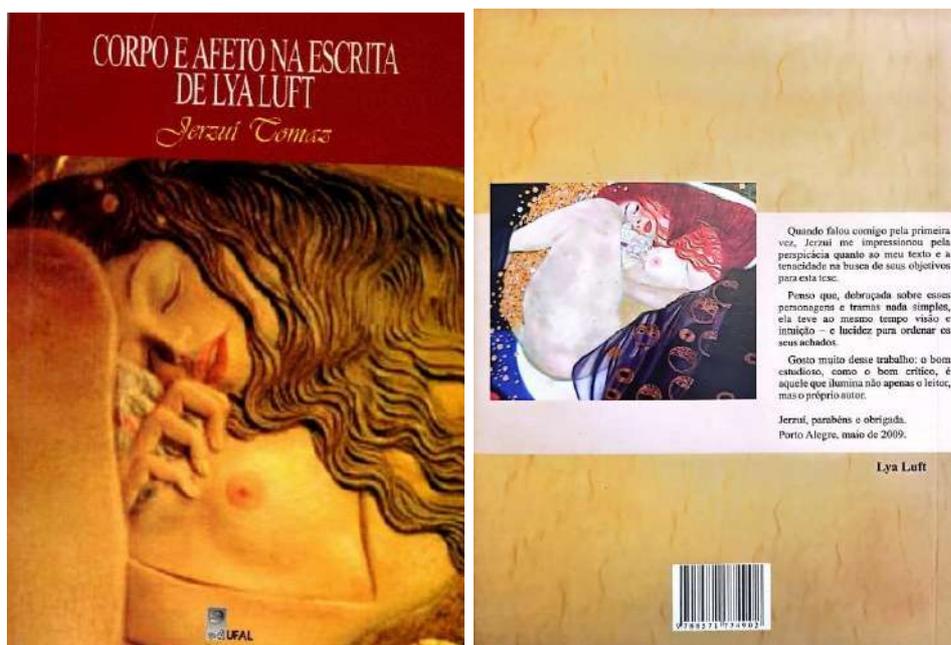
Foto 18 – Eu e minha orientadora de Doutorado, Profa. Dra. Izabel Brandão



Fonte: da autora

Encerrei este ciclo tão produtivo com a publicação do livro *Marcadores afetivos e inscrições corporais no universo feminino de Luft*, editado pela Editora da Universidade Federal de Alagoas-EDUFAL e lançado durante a Bienal Internacional do Livro de Alagoas, em 2009, e com a alegria de ter, na contracapa, o texto da autora

Foto 19 – Capa e contracapa do livro *Corpo e Afeto na Escrita de Lya Luft*, 2009



Fonte: da autora

### 3 ENTRE A LEI E O DESEJO

Foto 20 – Minha primeira turma do curso de Psicologia da UFAL, 2001



Fonte: da autora

Sabe-se que toda narrativa testemunhal se encontra impregnada de uma certa desconfiança da memória, que é sempre móvel, imprevisível, difícil de capturar. Memória que é também coletiva e individual e opera sobre a reconstrução de um passado. Tal constatação leva a crer que o relato de uma experiência é suscetível de interpretação, uma vez que é inevitável a marca da subjetividade no ato de narrar.

É a partir deste viés que me debruço sobre os anos que atuei como docente na graduação da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, apresentando o relato em três segmentos: a vivência como Professora Substituta no Curso de Psicologia, o período como Professora Efetiva do Centro de Educação-CEDU e a experiência como Professora Colaboradora na Faculdade de Medicina-FAMED.

Antes de dar prosseguimento a este relato, penso ser interessante pontuar algumas questões sobre o ato de ensinar, ou a *profissão impossível*, como denominada por Sigmund Freud. É fato que a relação professor/aluno ou mestre/discípulo trata-se de um tema consagrado na História do Conhecimento, na Filosofia, na Literatura, nas Artes, na Psicanálise.

Como docente de uma Universidade Pública Federal nunca me furtei ao questionamento sobre o arriscado *lugar da mestria*. Afinal, como pode o sujeito se situar em relação ao poder que enreda a mestria/saber? Como se confrontar e suportar a construção do

conhecimento por parte do discípulo/aluno/estudante e a conseqüente destituição narcísica daquele que transmite o “saber”?

Isto sem mencionar as dívidas simbólicas, portanto impagáveis, diante daqueles que se colocaram como nossos mestres, bem como o caráter de violência que permeia, invariavelmente, os processos educacionais. Freud tematiza, tangencialmente, estes aspectos em um de seus textos mais lidos, o famoso *Mal-estar na civilização* (1930), que continua atualíssimo. Posso assegurar que foi tentando evitar, o mais possível, a retórica do domínio, do controle e do poder que aceitei o desafio de dar conta das relações transferenciais que se estabelecem no vínculo professor/aprendiz.

Sempre lembrava do que declara George Steiner (escritor e crítico literário francês), em algum momento da sua obra, quando me via diante dos meus primeiros estudantes: “A recompensa suprema de um professor é intuir: este jovem é mais capaz do que eu, ele vai me superar, é uma questão de tempo”. Ter esta ideia em mente me acalmava diante da minha inexperiência, da insuficiência do meu conhecimento, que hoje sei que é sempre parcial, como docente em início de carreira.

Passemos à descrição dos primeiros momentos de um dos períodos mais desafiadores da minha vida profissional. A “aventura” de ser docente teve início com o término do Mestrado em Literatura Brasileira e o “excesso”, digamos assim, de leituras, de aberturas de novas searas do conhecimento e o imperioso desejo de dialogar com a academia, na função de professora.

No contexto acima apresentado, me inscrevi para a seleção de Professora Substituta do Curso de Psicologia da UFAL ligado, na época, ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes-CHLA, na área de estudo de Psicologia Geral e fui aprovada em primeira colocação, conforme portaria de nomeação emitida em 11 de abril de 2000.

É imprescindível que se pontue a condição de precariedade e de vulnerabilidade que a ação de um professor que não pertence ao quadro permanente de docentes de uma Universidade Pública Federal está exposto. Na minha experiência particular, fui apresentada a uma equipe de trabalho já constituída, com parcerias e relações transferenciais de trabalho previamente estabelecidas e que iria receber a “professora cearense de nome esquisito” que, durante três anos, passaria a integrar o grupo de trabalho.

Não preciso dizer que não me permitiram escolher ou opinar, como era de praxe, sobre quais disciplinas iria lecionar. No primeiro ano letivo, fui designada para assumir as Disciplinas Teorias e Sistemas Psicológicos I (2000 a 2001), Metodologia da Pesquisa Psicológica (2000 a 2002), Psicologia do Excepcional (2000 a 2002) e Psicologia

Comunitária (2000 a 2002).

A maior dificuldade ocorreu na implementação da Disciplina Psicologia Comunitária II, uma vez que esta apresentava um viés prático a ser executado em uma comunidade, no entorno de Maceió. Deve-se informar que esta disciplina era dividida entre três professores, uma docente efetiva e dois substitutos, e os alunos eram “sorteados” pelo coordenador do curso para integrar uma das três equipes de trabalho.

Em um curto espaço de tempo, e contando com o diálogo com o Psicanalista Lincoln Villas-Boas, estruturei o Projeto de Extensão “Intervenção Psicológica em População de Baixa Renda com Enfoque Interdisciplinar”. Este projeto teve como local de execução o Centro de Atenção Integrada à Criança e ao Adolescente - CIAC Virgem dos Pobres, nas proximidades da Comunidade Sururu de Capote, na periferia de Maceió.

Tive a bênção de ser acolhida por uma Equipe do Programa de Saúde da Família-PSF que tinha à frente o Dr. Hέλvio Auto Filho e a Enfermeira Marilúcia Mota que nos recebeu, eu e meus alunos e alunas, de 2000 a 2002. Com eles aprendi a trabalhar com comunidade e a entender suas reais necessidades e códigos de convivência de uma população exposta a situação de pobreza, violência e vulnerabilidade. Dr. Hέλvio Auto, muito particularmente, nos instruía a percorrer, com a segurança possível, o labirinto de ruas da Sururu de Capote, bem como a estarmos atentos à roupa que vestiríamos (o jaleco branco era um identificador de pertencimento à UFAL) e ao toque de recolher emitido pelos “líderes da comunidade”, sempre às 17 horas.

Entre as atividades que desenvolvíamos no CIAC Virgem dos Pobres destaco visita às famílias, sempre com um agente comunitário, Grupos com Gestantes e Adolescentes (propostas que não se desvinculavam de dinâmicas de grupo) e Palestras em Sala de Espera, a partir das demandas apresentadas pelos usuários.

Foto 21 – Projeto de Extensão do curso de Psicologia no CIAC Virgem dos Pobres



Fonte: da autora

Aqui registro o meu agradecimento a minha “monitora” informal, a Psicóloga Escolar Paula Maria Gomes de Souza, aquela que “esperou pela professora substituta que iria chegar” e que possibilitou, logo no primeiro ano de execução do projeto, darmos conta da demanda de ensino, já que o número de faltas dos seus colegas era particularmente alto. A partir de 2001, o número de estudantes nas turmas de Psicologia Comunitária II teve um grande incremento e pudemos concluir as atividades, na comunidade, dentro do que era esperado.

Nesta ocasião, tive o primeiro contato com Projetos de Extensão, o que seria muito útil quando participei, como professora voluntária, do corpo docente da graduação da Faculdade de Medicina-FAMED/UFAL, alguns anos depois.

Foto 22 – Paula Gomes, monitora da disciplina Psicologia Comunitária II, 2000-2002



Fonte: da autora

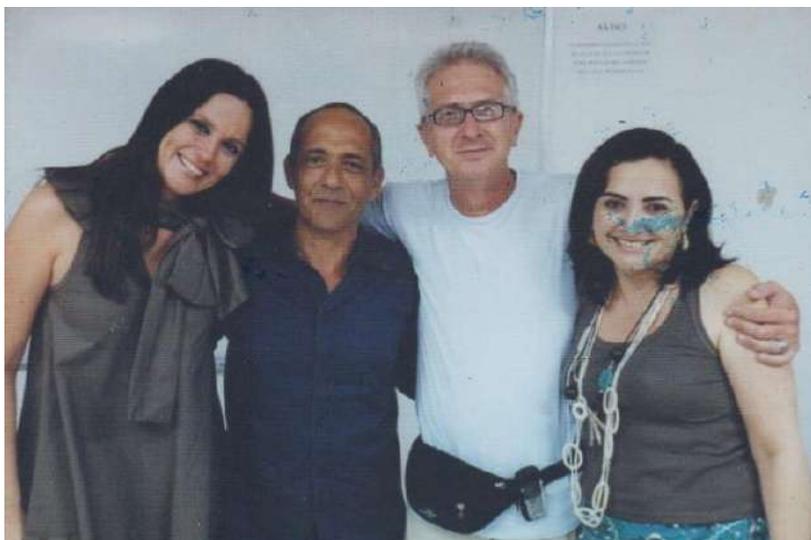
Sustento que meus alunos e alunas do Curso de Psicologia, no breve período em que lá estive, lançaram as bases para que eu pudesse abraçar o meu estilo de docência, com minhas particularidades e estranhezas. Muitas vezes, ouvia reclamações sobre a exigência de frequência mínima, a pontualidade no horário das aulas, a indicação de textos para leitura prévia, a recomendação para a execução de trabalhos em grupos.

Apesar disto, construí, com alguns estudantes, vínculos afetivos que foram muito além dos muros da academia, o que me revelou que a relação com meus alunos/as sempre foi uma relação de aprendizagem, porque, ao ensinar, eu também muito aprendia. É como se ocorresse um certo “canibalismo psíquico”, ou seja, eu me alimentava da juventude deles e eles usufruíam da minha experiência e do meu desejo de transmitir conhecimentos.

Pude orientar Trabalhos de Conclusão de Curso-TCC's com temas muito interessantes e inusitados para a época, e que não se restringiam ao campo de Psicologia. Entre eles posso citar:

- A relação edípica (pai-mãe-filho): uma reedição na relação do homem com a parceira (2002), de autoria de Roberta Sampaio de Araújo;
- Suicídio: determinantes psíquicos e prevenção (2002), de autoria de Paula Maria Gomes de Sousa;
- A estruturação do feminino e o conceito de mascarada em “A mão e a luva” (2005), de autoria de Mírian Tenório Maranhão;
- As identificações parentais e a influência na constituição do perfil vocacional do/a adolescente, de autoria de Darislânia da Silva Rocha e Pollyana de Oliveira Bernardes (2006);
- Determinantes psíquicos da relação mãe e filha em “Sonata de Outono” (2008), de autoria de Sandra Regina Guimarães Baracho;
- O feminino em “Mulher do espelho”: uma leitura psicanalítica (2009), de autoria de Luísa Marques de Sá Vilela.

Foto 23 – Banca de defesa de TCC de Sandra Guimarães



Fonte: da autora

Outro fato que merece destaque é que não pude fazer concurso para Professor Efetivo do Curso de Psicologia, uma vez que não atendia a um pré-requisito do edital elaborado pelo departamento. Tive, então, de abrir mão dos meus estudantes tão especiais, exatamente os que me deram o estatuto de Professora, o que não me impediu de receber cinco homenagens, para mim inesquecíveis, a saber, fui Madrinha (2003), Parainfa (2004) e três vezes Professora

Homenageada (2002, 2005, 2006) dos Graduandos do Curso de Psicologia-UFAL.

Foto 24 – Descerramento da Placa dos formandos de Psicologia – Turma 2003, com Anamarina Soares



Fonte: da autora

Foto 25 – Homenagem recebida dos formandos de Psicologia da UFAL, 2003



Fonte: da autora

Lembro da última aula que ministrei no Curso de Psicologia, explicando o porque da minha saída, mesmo com as relações transferenciais de trabalho satisfatoriamente estabelecidas, e que ouvi da estudante Paula Karolina Sampaio Lopes Rodrigues, hoje médica com graduação concluída na Universidad Abierta Interamericana de Buenos Aires, a seguinte assertiva: “Desejo que você nunca perca o seu pique, professora”!

Ouvir este voto de que eu fosse capaz de sustentar o meu estilo de docência me fez pensar no filme *O gladiador*, dirigido por Ridley Scott e lançado no Brasil em 2000. Esta obra fílmica narra a saga do general romano Maximus Decimus Meridius que é traído pelo filho do imperador Marcus Aurelius. Em uma cena emblemática desta película, o destino de Maximus é entregue ao público que lotava o Coliseu Romano. Neste momento, um colega de infortúnio do general, transformado em gladiador, sussurra ao seu ouvido: “Conquiste o público e o público o salvará”! Ao assistir este filme, ressignifiquei a fala de Paula Sampaio e pensei: meu público são meus alunos/as e eles/as me salvarão! E assim foi durante todo o meu percurso como docente, nos vários lugares onde trabalhei ao longo destes anos.

Foto 26 – Festa de formatura de Paula Sampaio na qual fui professora Homenageada, 2005



Fonte: da autora

Durante a elaboração do luto de me deslocar da seara da minha formação primeva, e aqui falo do trabalho de luto no sentido psicanalítico, ou seja, aquilo que possibilita ao sujeito elaborar as perdas e seguir em frente, prestei novo concurso, desta vez para o Centro de Educação, mais especificamente para atuar no Departamento de Fundamentos Psicopedagógicos da Educação, em 2002.

Em um curto espaço de tempo, incrementei o diálogo entre a Ciência Psicológica e a Educação, com destaque para as Teorias do Desenvolvimento Humano postuladas por Jean Piaget, Lev Vygotsky, B. F. Skinner e Sigmund Freud, além do que se denominava, na época, Novos Paradigmas da Educação, com destaque para as teorizações de Jacques Delours. Obtive aprovação em primeiro lugar e tomei posse no cargo de Professora Efetiva no dia 27 de janeiro de 2003, com a Portaria n. 029 de 08.01.2003.

A realidade da docência no CEDU era bem diversa do que eu vivenciei no Curso de Psicologia. Historicamente, este Centro, fundado pelo Professor Élcio de Gusmão Verçosa, pesquisador, pensador e militante da educação e da cultura em Alagoas, não oferecia muito espaço para se discutir os aspectos psicológicos dos processos de ensino-aprendizagem. Os focos maiores de estudo e pesquisa, tanto na graduação como na pós-graduação, privilegiavam as áreas de História, Política e Tecnologia Educacionais. Ouso afirmar que esta realidade não sofreu grandes alterações ao longo dos 20 anos que aqui permaneço.

O fato é que somente com a chegada das Professoras Doutoradas Deborah Dornelas Ramos, (que logo se transferiu para a Universidade Federal de Paraíba- UFPB), Daniela Mendonça Ribeiro, em 2014, e com a vinda do Professor Leonardo Brandão Marques, em 2016, foi possível, efetivamente, estruturar um Setor, agora intitulado Desenvolvimento e Aprendizagem. A partir deste momento, passamos a discutir programas, metodologias e elaborar propostas de Projetos de Extensão envolvendo as três Disciplinas - Educação Especial, Desenvolvimento e Aprendizagem e Fundamentos Psicopedagógicos da Educação - por nós ministradas, juntamente com outros colegas da mesma área de atuação.

O fato é que, pela via do meu desejo e devido às linhas de pesquisas existentes excluïrem uma possível interface com a Psicanálise, não me integrei ao Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGE do Centro ao qual pertenço.

No entanto, tive a oportunidade de orientar Trabalhos de Conclusão de Curso-TCC's com temas muito instigantes, tais como:

- . O fenômeno *bullying* e seus efeitos na aprendizagem de crianças de 7 a 12 anos (2017), de autoria de Débora Emily Soares Ferreira e Juliene Silva de Almeida;
- . Os contos de fadas na educação infantil (2013), de autoria de Silvana Karine Costa

Francelino;

. O papel da creche no desenvolvimento cognitivo da criança: aspectos psicomotores e da linguagem (2013), de autoria de Edna da Silva Macena;

. Desenhos animados contemporâneos e a relação com a aprendizagem da leitura/escrita em crianças do sexo masculino: relato de uma experiência (2011), de autoria de Leide Daiane de Melo Brito e Maria Izabela B. de A. Martins.

Foto 27 - Banca de Defesa de TCC de Leide Daiane Brito e Izabela Martins.



Fonte: da autora

Também reeditei a alegria de ser homenageada pelos Formandos de Pedagogia nos anos de 2012, 2013, 2014, 2016, 2019 e 2022.

Foto 28 – Homenagem recebida da turma de Pedagogia 2013.2 com a formanda Gilliane França



Fonte: da autora

Como última etapa do relato sobre minha atuação na graduação, menciono a minha passagem pela Faculdade de Medicina-FAMED, como Professora Colaboradora, no período de 2008 a 2019. Isto se deu por meio da indicação da Professora Doutora Fátima Albuquerque, parceira em vários projetos de ensino e pesquisa. No final de 2007, recebi o convite da Professora Sônia Cavalcanti, Coordenadora do Eixo de Aproximação à Prática Médica e a Comunidade, para ministrar uma disciplina relacionada com a formação psicológica. A proposta inicial era para eu permanecer apenas um semestre com esta atividade.

Assim, passei a lecionar, conjuntamente, a Disciplina Saúde e Sociedade III, Módulo Educação e Comunicação na Prática Médica, com atividades teórico-práticas, destacando o trabalho realizado nas Unidades Básicas de Saúde-UBS, localizadas no entorno da UFAL.

Recebi o melhor acolhimento possível dos docentes Professor Mestre João Klínio Cavalcante e Professora Mestre Edna Bezerra, uma vez que adentrava em um novo campo de atuação e passaria a atuar com um perfil de aluno, bem diverso dos estudantes do Curso de Pedagogia.

Considero esta experiência muito enriquecedora, pois pude me reconectar com temáticas relacionadas ao corpo, à dor e ao sofrimento psíquico (e neste momento minha formação psicanalítica foi decisiva), discutir questões ligadas à noção de saúde integral, debater a disjunção ontológica entre corpo e mente e problematizar o papel da cultura na

eleição/criação de síndromes e sintomas da contemporaneidade.

Outro ponto elencado em Educomunicação era os determinantes psíquicos da entrevista médico-paciente-usuário. Debatíamos, por meio da leitura de textos teóricos e discussão de obras fílmicas, o conceito de entrevista médica, suas particularidades, os aspectos transferenciais envolvidos e o papel do/a médico/a como um educador/a. Uma das questões que tentávamos responder nas primeiras aulas era: “O que deseja esta pessoa que me interroga e qual o seu papel?”

O meu principal objetivo, como docente, apontava para o fato de demonstrar que, em toda situação de entrevista, dá-se o encontro entre dois seres humanos, desenvolvendo-se processos psíquicos conscientes e inconscientes que se relacionam com o contexto social/material da posição de cada sujeito.

É notório que integrar o corpo docente da Faculdade de Medicina-FAMED, desde a graduação, pavimentou o caminho para participar da fundação do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde-MPES, em 2011, o que se colocou como um enorme desafio para todos os docentes que trabalharam na efetivação deste projeto.

Foto 29 – Alunos da disciplina Educomunicação da Faculdade de Medicina, 2009



Fonte: da autora

#### 4 “NADA SE PESQUISA TÃO BEM COMO AQUILO QUE EM NÓS FAZ SINTOMA”

A assertiva que intitula o segmento desta escrita memorialística me foi apresentada pelo Psicanalista Jacques Laberge, em um contexto de supervisão teórica, durante a elaboração da minha tese de doutorado. Sabe-se que o estatuto científico da Psicanálise nunca assumiu uma posição pacífica. Desde o lançamento das bases desta teoria da investigação/pesquisa do psiquismo humano até a contemporaneidade, inúmeras questões são colocadas a respeito do que pode garantir este arcabouço teórico diante das exigências das ciências *hard*, dentro e fora do mundo acadêmico.

O meu depoimento como professora, pesquisadora e também psicanalista denota minha crença de que estamos, invariavelmente, induzidos a falar/pesquisar sobre os mesmos temas que se colocam diante de nós com diferentes roupagens, mas que sempre bordejam aquilo que nos inquieta e nos mobiliza, ou seja, o nosso desejo inconsciente.

Costumo afirmar, como aqui já brevemente assinali, que o *feminino* é, fundamentalmente, o meu tema-sintoma. Não por acaso, minha inserção no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/UFAL se deu, em 02/2009, com a Disciplina Tópicos Avançados em Crítica Literária: Literatura e Erotismo, ministrada em parceria com a Professora Doutora Izabel Brandão.

Elaboramos um programa bem ousado para a época, no qual incluímos tópicos sobre a visão do erotismo através da história (o problema da censura, a arte perseguida e os escritores banidos), o erotismo e o poder (reflexões sobre o corpo como lugar do exercício da liberdade e/ou transgressão), o erotismo e a diferença sexual (discussões sobre erotismo e as posições feminina e masculina) e o erotismo e as manifestações amorosas (diálogos entre os conceitos de amor e erotismo).

Incorporamos no programa textos literários bem variados como o *Cântico dos Cânticos*, *Kama Sutra*, *O Banquete*, de Platão, *Figos* e *O amante de Lady Chatterley*, de D. H. Lawrence, *Memórias de minhas putas tristes*, de Gabriel Garcia Marques e poemas de autoria feminina: Hilda Hilst, Maria de Lourdes Horta, Arriete Vilela, Grace Nicols, entre outras.

Como obras fílmicas debatemos, dentro do viés da disciplina, *Calígula*, *Moça com brinco de pérola*, *Ligações perigosas*, *De olhos bem fechados*, *Closer – perto demais*, *O amante*, *Lolita* e *A insustentável leveza do ser*.

Foto 30 – Turma da disciplina Literatura e Erotismo do PPGLL, 2009



Fonte: da autora

Devido a minha formação psicanalítica, a disciplina sobre a qual me debrucei nos 9 anos que permaneci no PPGLL/UFAL foi Tópicos Avançados em Estudos Literários: Literatura e Psicanálise, com a primeira turma formada em 02/2010. A ementa da referida disciplina apontava para a compreensão dos princípios que enquadram a interface Literatura/Psicanálise, enfocando-se a construção e a forma do texto literário sob o viés da crítica literária contemporânea.

Explorávamos os elementos da construção literária pela via da interpretação psicanalítica, refletíamos sobre as diferentes concepções críticas da teoria em destaque em seu envio ao texto literário, bem como efetivávamos um levantamento de fontes da literatura brasileira contemporânea que ilustravam a coexistência de textos paralelos (níveis de discurso) na escrita literária.

No que se refere à metodologia utilizada, elenco aulas expositivas dialogadas, discussão de textos teóricos e fílmicos, bem como palestras com convidados, com destaque para a fala do Psicanalista Lincoln Villas-Boas, que explanava sobre suas pesquisas referentes à obra de Machado de Assis.

Do diálogo entre Psicanálise e Literatura, tive a alegria de orientar a primeira mestranda do PPGLL, Darislânia Rocha, ela que fez parte da minha caminhada desde o Curso de Psicologia, quando também a orientei no Trabalho de Conclusão de Curso-TCC. O título da dissertação a que aqui me refiro é “A escrita da angústia em Graciliano Ramos: uma leitura psicanalítica”, concluída em 2012 e que seria publicada como *A escrita da angústia em*

*Graciliano: uma leitura psicanalítica*, lançada em 2015, pela Editora da Universidade Federal de Alagoas-EDUFAL, na VII Bienal Internacional do Livro de Alagoas.

Foto 31 – Lançamento do Livro *A Escrita da Angústia: uma leitura psicanalítica*, 2015



Fonte: da autora

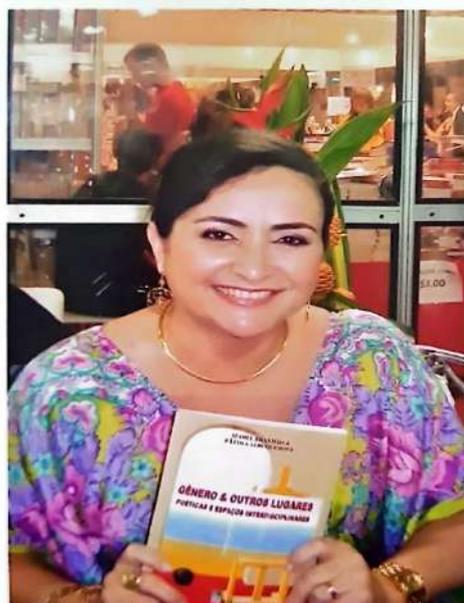
Daris Rocha iniciou seu doutorado em 2015, com o projeto de pesquisa “A reescrita da infância: memória ficção e sublimação em Graciliano Ramos” e defendeu a tese em 2019. Estive à frente da orientação deste trabalho de pesquisa durante 3 anos quando, por questões pessoais, tive que me desligar do Programa de Pós-Graduação e encaminhar a orientação para a Professora Doutora Izabel Brandão.

Minha interlocução com esta ex-orientanda e agora colega, se mantém até hoje, seja na publicação de artigos/capítulos de livros em coautoria, seja na apresentação de trabalhos em eventos científicos, destacando-se “Escrita e resistência na trajetória da personagem Madalena, de *São Bernardo*”, debatido durante o VI Colóquio Literatura e Psicanálise: Poéticas da Alteridade, em 2022, como parte integrante da XIV Bienal Internacional do Livro do Ceará.

Rememorar minha participação no PPGLL/UFAL vincula-se à interlocução com o Grupo Mar&sal Estudos e Pesquisas Interdisciplinares, fundado em 1997, e que tem como pesquisadora responsável a Professora Izabel Brandão. Tal espaço de estudo e pesquisa assume um caráter interdisciplinar e desenvolve e fomenta pesquisas em estudos de gênero, estabelecendo pontes com várias áreas do conhecimento, a saber: Literatura, Psicanálise, Filosofia, Serviço Social, Direitos Humanos, entre outras. Participei, mais especificamente, do projeto de pesquisa “Corpo e exílio na narrativa de Lya Luft” o que resultou no capítulo

“Fragmentação e vivência diaspórica em *Exílio*”, que integra a coletânea *Gênero & outros lugares: poéticas e espaços interdisciplinares*, organizada pelas Professoras Doutoras Izabel Brandão e Fátima Albuquerque e publicada pela Editora da Universidade Federal de Alagoas-EDUFAL, em 2009, durante a IV Bienal Internacional do Livro de Alagoas.

Foto 32 – Lançamento da Coletânea *Gêneros e outros lugares*, 2009



Fonte: da autora

Foto 33 – Alguns membros do grupo Mar&sal Estudos e Pesquisas Interdisciplinares, 2009



Fonte: da autora

Desejo também lançar luz sobre minha atuação no Mestrado Profissional e Ensino na Saúde-MPES, vinculado à Faculdade de Medicina-FAMED/UFAL, desde a sua fundação, em 2011, até os dias atuais.

O MPES teve origem, entre muitos condicionantes, a partir da criação do Grupo de Estudo sobre Educação em Ciências da Saúde, fundado em 2004 e cadastrado no CNPq, e que veio atender a demanda de profissionais ligados à área da saúde no sentido de problematizar e dialogar com os desafios que se apresentam no Século XXI. Este espaço de ensino e pesquisa objetiva contribuir para a produção do conhecimento científico, formação de pesquisadores e fortalecimento do Sistema Único de Saúde-SUS.

A linha de pesquisa à qual pertença denomina-se Educação e Trabalho Interprofissional e Interdisciplinar em Saúde, e tem como traço a interlocução com diversos segmentos do saber científico, na tentativa de romper/diluir as barreiras que fazem frente à edificação de uma vivência acadêmica interdisciplinar. A partir disto, entendemos (falo em meu nome e dos/as colegas da linha de pesquisa aqui mencionada) que a pesquisa interdisciplinar se configura como uma proposta na edificação de um entendimento diverso sobre o saber, sobre o ser humano e sobre a sociedade/cultura.

Pode-se assegurar que o MPES, tendo como primeira coordenadora a Professora Doutora Rosana Quintela Brandão Vilela, foi edificado por muitas mãos, o que demandou diversas reuniões para se discutir/estabelecer pactos e atividades, a partir de um seminário da CAPES que ocorreu em 16 e 17 de março de 2010. Logo a seguir, a primeira equipe de professores, oriundos dos cursos de Medicina, Enfermagem, Educação, Nutrição e Administração, lançou as bases para a construção do edital do programa, o que possibilitou selecionar a primeira turma de mestrandos, no primeiro semestre de 2011.

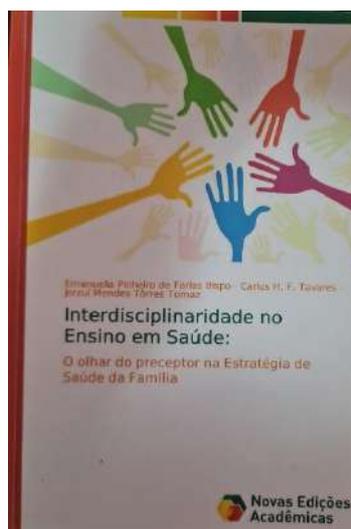
A disciplina na qual me engajei inicialmente tinha por título Bases Interdisciplinares no Ensino na Saúde-BIES e posteriormente passou a se chamar Interprofissionalismo e Interdisciplinaridade no Ensino na Saúde. Tal disciplina é obrigatória e tem sua carga horária e atividades docentes dividida entre quatro professores. O objetivo geral é analisar/problematizar o conceito e a prática interdisciplinar no ensino e pesquisa em saúde, com destaque para questões conceituais, metodológicas e interfaces com as proposições da educação interprofissional.

Neste programa, fui apresentada à possibilidade de trabalhar em coorientação de trabalhos de pesquisa, o que identifiquei como algo muito enriquecedor. Neste sentido, não poderia deixar de mencionar a parceria profícua com o Professor Doutor Carlos Henrique Falcão Tavares. Colega sempre presente, fundamentalmente nos momentos de crise e

necessidade de reinvenção nos processos transferenciais de trabalho. Como professores permanentes e agora como colaboradores do MPES, alternamos as funções de orientação e coorientação, sem que isto aponte para alguma assimetria de poder/saber na condução das orientações dos nossos mestrandos e mestrandas.

Dividimos o privilégio de orientar/coorientar a mestranda Emanuella Pinheiro de Farias Bispo, hoje Doutora em Interdisciplinaridade em Ensino na Saúde-UNIFESP, com o Projeto de Pesquisa Interdisciplinaridade no Ensino em Saúde: O Olhar do Preceptor na Estratégia Saúde da Família, com dissertação defendida em 2013. Este trabalho de pesquisa veio a público, com título idêntico do projeto apresentado ao MPES, por meio da Editora Novas Edições Acadêmicas, em 2017.

Foto 34 - Capa do livro *Interdisciplinaridade no Ensino em Saúde*, 2017.



Fonte: da autora

Na finalização deste segmento, destaco a pesquisa de Teresa Cristina Carvalho dos Santos com o tema Uma análise do exercício da preceptoria e as Diretrizes Curriculares Nacionais no Programa de Prevenção e Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis, AIDS e Hepatites Virais no Município de Maceió. Este estudo foi por mim coorientado com a orientação do Professor Doutor Carlos Henrique Tavares.

Antes da conclusão daquela dissertação, ocorreu um fato marcante, pois, devido ao adoecimento de um membro da minha família, tive que me deslocar para São Paulo, sem muita ideia de quando voltaria. Lembro que vivíamos em uma época na qual os recursos para reuniões on line eram bem limitados ou quase inexistentes. Assim, senti-me na obrigação de

informar à mestranda que teria que abrir mão da coorientação.

No entanto, no dia 28 de março de 2015, na defesa da dissertação de Teresa Carvalho, já de volta em Maceió e presente na Banca de Avaliação, apresentei minhas desculpas novamente, agradei a solidariedade e competência do meu colega de orientação e pude escutar dela: “Professora, a senhora não me abandonou. Eu fiquei com as suas palavras!” Este foi um dos momentos mais emocionantes, em situações como esta, que eu tive o privilégio de acompanhar.

Foto 35 – Banca de Defesa de Mestrado de Teresa Carvalho, com Prof. Carlos Henrique Falcão Tavares



Fonte: da autora

Como resultado deste estudo, um capítulo com o mesmo título da dissertação foi publicado na coletânea *Contribuições do Mestrado profissional em Ensino na Saúde para a Integração Ensino, Serviço e Comunidade*, livro organizado pela Professora Doutora Josineide Sampaio et al, em 2021 e que porta o selo da Editora da Universidade Federal de Alagoas-EDUFAL.

Foto 36 – Capa e Sumário do livro *Contribuições do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde para a Integração Ensino, Serviço e Comunidade*, 2021



CONTRIBUIÇÕES DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO NA SAÚDE PARA A INTEGRAÇÃO ENSINO, SERVIÇO E COMUNIDADE		9
05. Uma análise do exercício da preceptoria e as Diestretes Distritais Nacionais no Programa de Prevenção e Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis, Aids e Hepatites Virais de âmbito de Educação.....	118	
Virna Cristina Carvalho dos Anjos, Carla Figueiras Galvão Tavares, Izabel Mendes Torres Romão		
06. Vivência no SUS em Alagoas e sua contribuição para formação profissional em saúde sob a ótica dos preceptores.....	145	
Maira Edna Ribeiro da Silva, Margaret Pereira Cavalcante, Rosana Brunilde Várta		
07. Preceptoria no estágio curricular de Nutrição: o desafio do lazer.....	175	
Ana Patrícia Tofal de Souza, Anabela Carlos Silva Costa, Marta Alice Araújo Oliveira		
08. Os desafios em um serviço de urgência: o olhar dos genitores.....	191	
Marta Sharlene dos Santos Vieira, Lucinda Assunção, Rosana Brunilde Várta		
09. Integração ensino-serviço na formação de enfermeiros na Estratégia Saúde da Família.....	215	
Darceni Francisco da Silva, Shirley Saely Soares Viana Macedo, Maira de Lacerda Feres da Viana		
10. Integração ensino-serviço em discussões dos docentes da EAMED: revendo práticas e desafios.....	246	
Marta Lige Batista Araújo, Margaret Pereira Cavalcante		

Fonte: da autora

## 5 O FIM É O COMEÇO

No início desta narrativa testemunhal, fiz menção ao conceito de origem africana Ubuntu, “Sou aquilo que somos”, que aponta fundamentalmente para os significantes acolhimento, partilha, respeito, comunidade.

O arcabouço teórico psicanalítico dialoga, de forma vigorosa, com esta forma de encarar a inserção do ser de linguagem na cultura, uma vez que os ensinamentos de Sigmund Freud e Jacques Lacan sinalizam para um sujeito submetido a um desejo inconsciente que o antecede e o determina, garantindo o mergulho no universo simbólico.

É, pois, na tentativa de encadear as marcas desejantes que me constituíram como professora e pesquisadora, tal como quem confecciona um colar de pérolas imperfeitas, que elaborei, muito especialmente, a penúltima etapa deste memorial.

Vale destacar o porquê do título *O fim é o começo*. Mencionei anteriormente o quanto a minha relação com a Psicanálise antecedeu e entremeou a vivência na academia. Também relatei os meus deslocamentos, derivas e inserções na tentativa de presentificar a formação psicanalítica que me possibilitou exercer a *profissão impossível*, denominada por Freud. Afinal, o que nos induz a abraçar o ensino, a transmitir conhecimentos e sustentar o lugar da lei? Seria a tentativa de fazer algo novamente e ressignificar o que vivenciamos na nossa trajetória de aprendizagem? Ou simplesmente dar vazão à pulsão de conhecimento pelo mero prazer da descoberta?

Obviamente, não pretendo responder a tais questões, mas descrever o que significou a entrada no Pós-Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Psicologia-PPGP da Universidade de Fortaleza-UNIFOR e os desdobramentos subsequentes.

Inicialmente, a primeira ideia de estruturação do pós-doutorado, após 13 anos de adiamento desta etapa acadêmica, apontava para uma vivência em Portugal, na Universidade do Minho, em uma área de estudo e pesquisa ligada à Educação. Nesta época, minha filha mais velha fazia doutorado em Direito na Universidade de Lisboa, eu não teria que enfrentar uma barreira linguística, mas algo faltava: a presença da Psicanálise como bússola teórica de uma futura pesquisa. Outro fator também impactou a decisão de não levar adiante este projeto: o adoecimento progressivo do meu pai, que efetivamente veio a óbito em 2021.

No momento de redirecionar os planos de estudo, veio à cena a transferência de trabalho com a Professora Doutora Leônia Cavalcante Teixeira, psicanalista, colega e parceira em alguns projetos envolvendo Psicanálise e Arte. Por meio da relação com esta respeitável

Professora Titular da UNIFOR, me reaproximei da sua trajetória acadêmica, da sua produção teórica envolvendo pesquisas na área de Psicanálise e Subjetividades Contemporâneas, bem como do seu potente diálogo com a Literatura, a Antropologia, a Sociologia, a Filosofia e o Direito.

Com a supervisão da professora acima mencionada, elaborei o projeto de pesquisa intitulado “Adolescência contemporânea no contexto do Brasil: processos identificatórios em um entorno marcado pelo virtual”, e o submeti ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia-PPGP/UNIFOR, que recebeu parecer favorável em 18 de fevereiro de 2020.

O período inicialmente previsto para realizar o estágio de pós-doutorado seria de 16 de março de 2020 a 15 de março de 2021. Ocorre que, com o mundo rendido à Pandemia da COVID-19, o intervalo destinado ao meu afastamento da Universidade Federal de Alagoas-UFAL teve que ser deslocado para 16 de setembro de 2020 a 15 de agosto de 2021.

E houve algo bem mais significativo. Apropriando-me das palavras de Carlos Drummond de Andrade, no poema *No meio do caminho*, originalmente publicado em 1928, na *Revista de Antropofagia*, pude constatar que: “Nunca me esquecerei deste acontecimento, na vida de minhas retinas tão fatigadas./Nunca me esquecerei que no meio do caminho/ tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho/ no meio do caminho tinha uma pedra.”

A metáfora drummoniana da pedra, como signo do obstáculo, se vinculou com as negociações com meu Setor de Estudos na UFAL para deslocar o período de afastamento de minhas atividades acadêmicas regulares, em meio às angústias e incertezas que cercavam o período pandêmico, bem como a proposta de abraçar, durante a vigência do pós-doutorado, um novo projeto de pesquisa/extensão.

Por iniciativa da Professora Doutora Leônia Cavalcante Teixeira fui apresentada ao Projeto de Pesquisa “Violência de Gênero no Isolamento Social da Pandemia do COVID-19: Uma Proposta de Intervenção em Urgência Subjetiva com Mulheres em Situação de Vulnerabilidade e Risco”, coordenado pelo Professor Doutor Leonardo José Barreira Danziato, que se realizou em 2020.

O que seria uma participação como pós-doutoranda do PPGP-UNIFOR tomou uma outra dimensão e voltei a pesquisar sobre o feminino, a condição da mulher, o amordaçamento da fala feminina, o risco do sujeito edificar uma fala própria em uma cultura falocêntrica, marcada pela “naturalização” de inúmeras formas de violência contra a mulher que se encontra em contexto de vulnerabilidade e risco. Aqui identifico, como já disse, o desejo como um colar composto de outros desejos, como uma rede de desejos que fundam a estrutura psíquica humana e que revela o pouco que sabemos de nós mesmos, já que, segundo

a Psicanálise, somos atravessados por um ponto cego, um capítulo censurado de nossa história denominado *inconsciente*.

Sou capaz de assegurar que o meu *retorno a Freud*, após anos de “exílio” acadêmico, no que se refere ao trabalho diretamente ligado à Psicanálise, teve início no momento de fazer parte deste grupo de pesquisa/extensão. Vinculei-me ao Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade – LAEpCUS-UNIFOR em setembro de 2020 e permaneço até hoje.

O Projeto de Pesquisa “Violência de Gênero no Isolamento Social da Pandemia do COVID-19: Uma Proposta de Intervenção em Urgência Subjetiva com Mulheres em Situação de Vulnerabilidade e Risco” tratava-se de uma pesquisa-intervenção realizada em parceria e por meio de um Convênio de Cooperação Técnica e Institucional entre a Defensoria Pública do Estado do Ceará, o Núcleo de Enfrentamento à Violência contra a Mulher-NUDEM e a Fundação Edson Queiroz.

O interesse dos membros do LAEpCUS por este tema de pesquisa se deu devido ao vertiginoso aumento da violência de gênero contra a mulher no período da pandemia da COVID-19, na cidade de Fortaleza. O objetivo central daquele estudo era investigar os aspectos fundamentais que constituíam a violência de gênero, destacando-se os psicossociais em quatro níveis: individual, relacional/familiar, comunitário e estrutural.

Por meio de intervenção em urgência subjetiva, via atendimento remoto, criou-se um espaço de escuta do sofrimento psíquico destas mulheres. Uma equipe formada por psicólogos e psicanalistas efetivou os atendimentos que tinham uma média de 4 a 6 sessões, a depender da necessidade de cada sujeito.

Durante o período que se estendeu este trabalho, reuniões semanais eram realizadas, nas quais se debatiam questões operacionais, planejamento da pesquisa, bem como eram apresentados casos clínicos que suscitavam questões teóricas referentes aos atendimentos realizados.

A escuta das chamadas “assistidas” foi encerrada, nesta primeira etapa, em 18 de dezembro de 2020. Devido ao êxito acadêmico alcançado e à demanda de atendimento do público-alvo de tal estudo, o projeto inicial foi reformulado e se mantém atualmente com a incorporação do atendimento aos filhos e filhas das mulheres vítimas de violência doméstica.

Vale mencionar que, no primeiro ano de vigência do projeto, 113 mulheres foram ouvidas e 27 completaram o número total de sessões propostas. As interrupções dos acompanhamentos se relacionavam a causas bem diversas, desde a dificuldade de se confrontar com a implicação subjetiva por parte de algumas delas até a impossibilidade de

permanecer no projeto devido ao ingresso no mercado de trabalho.

Como primeiro resultado de produção científica da pesquisa em destaque menciono o livro, edição bilingue português/francês e em formato de e-book, *Violência de gênero e ódio ao feminino*, organizado pelos/as Professores/as Doutores/as Leonardo Danziato, Leônia Cavalcante Teixeira e Jean Luc-Gaspard, publicado pela Editora CRV, em 2021. Elaborei, em coautoria com integrantes da pesquisa, o capítulo “Do lugar de assistida ao de sujeito do desejo: escuta clínica com mulheres em situação de violência doméstica em tempos de COVID-19”.

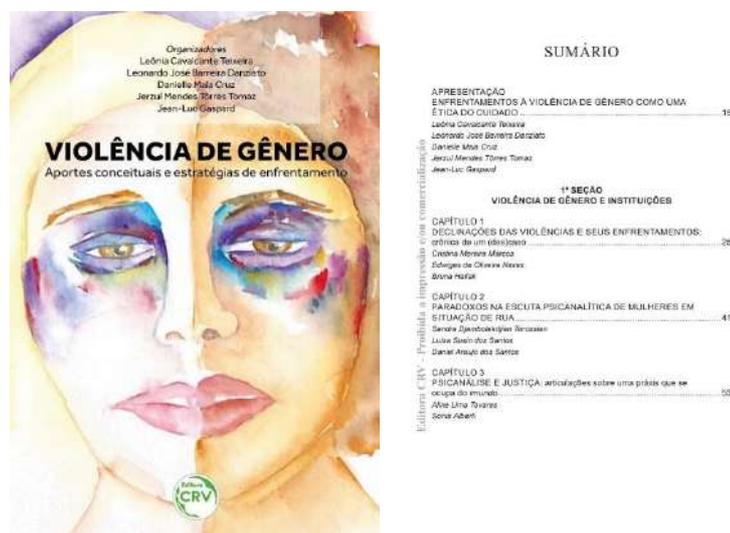
Foto 37 – Capa e sumário do e-book *Violência de gênero e ódio ao feminino*, 2021



Fonte: da autora

Em 2022, outro e-book veio a público com o título *Violência de Gênero - aportes conceituais e estratégias de enfrentamento*, organizados pelos/as Professores/as Doutores/as Leônia Teixeira Cavalcante, Leonardo Danziato, Danielle Maia Cruz, Jerzuz Mendes Tomaz e Jean Luc-Garpard, publicado pela Editora RCV. Nesta publicação escrevi, também em coautoria, o capítulo “Vicissitudes dos Estudos Decoloniais e de Gênero na Clínica de Urgência Subjetiva”.

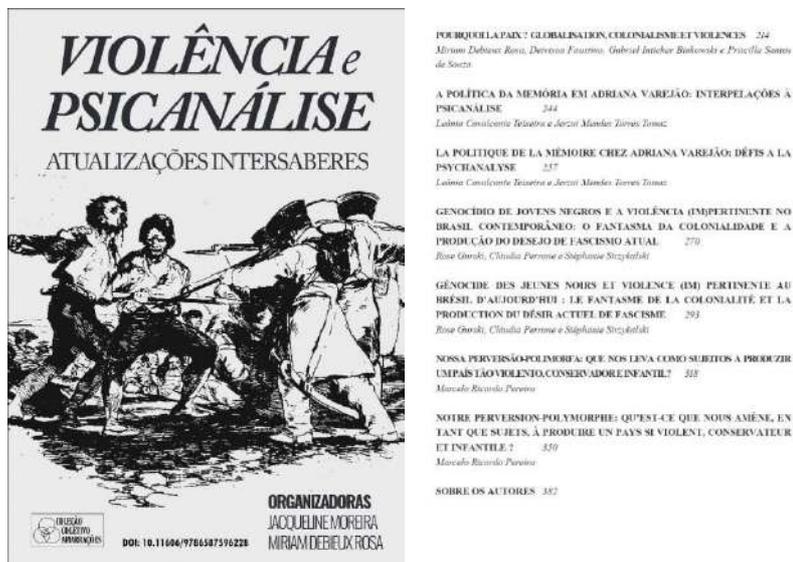
Foto 38 – Capa e sumário do livro *Violência de Gênero - aportes conceituais e estratégias de enfrentamento*, 2022



Fonte: da autora

Das atividades de ensino realizadas durante o estágio pós-doutoral, destaco a Disciplina A Psicanálise e Violência: Diálogos (Im)pertinentes (09/2020), ministrada em colaboração com a Professora Doutora Leônia Cavalcante e vinculada, além do PPGP-UNIFOR, à Rede Internacional Coletivo Amarrações – Psicanálise e Políticas com Juventude. Como desdobramento desta atividade de ensino, publicamos o capítulo “A Política da Memória em Adriana Varejão: Interpelações à Psicanálise”, parte integrante da coletânea *Violência e Psicanálise: atualizações intersaberes*, livro eletrônico e edição bilingue português/francês, organizada pelas Professoras Doutoras Jacqueline de Oliveira Moreira e Miriam Dibieux Rosa, Coleção Coletivo Amarrações, e publicado pelo Instituto de Psicologia de São Paulo-USP, 2021.

Foto 39 – Capa e sumário da coletânea *Violência e Psicanálise: atualizações intersaberes*, 2021



Fonte: da autora

Também ministrei, no PPGP-UNIFOR, as Disciplinas Adolescência Contemporânea e Modelos Identificatórios (11/2020) e A Passagem Adolescente e o Impacto no Mundo Virtual (05/2021).

No que se refere à participação e/ou organização de eventos oriundos da pesquisa em foco, faço alusão à *Capacitação para o Enfrentamento da Violência de Gênero: Aportes Teóricos e Intervenções*, organizado em módulos, modalidade on-line, e ocorrido nos dias 11/09/2021, 25/09/2021, 09/10/2021, 23/10/2021, 20/11/2021, 04/12/2021 e 11/12/2021. Neste encontro, participei da Mesa: O Inconsciente e a Singularidade do Sujeito, em parceria com a Professora Doutora Leônia Cavalcante, no dia 09/10/21.

Como última atividade ligada ao estágio pós-doutoral que desejo aqui registrar, evidencio minha atuação na comissão organizadora do *Colóquio Violência de Gênero: Pesquisas e Intervenções no Ceará*, desenvolvido pelo Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade-LAEpCUS, realizado no dia 11 de novembro de 2022, modalidade presencial, na Universidade de Fortaleza-UNIFOR. Atuei como mediadora da Mesa 2: Violência de Gênero e Arte, que contou com a presença das convidadas Ecila Meneses (Arte e Resistência) e Mayara Albuquerque (Projeto Severinas Mulheres do Sertão).

Foto 40 – Colóquio Violência de Gênero: pesquisas e intervenções no Ceará, 2022



Fonte: da autora

## 6 TEMPO DE CONCLUIR

A Psicanálise nos ensina que na fala do sujeito algo sempre resvala, materializando um fracasso, a produção de uma teia discursiva plena de palavras incertas, impotentes, imperfeitas. Dizendo-se de outro modo, o encontro humano com o universo simbólico é sempre da ordem da falta, da incompletude. No entanto, a possibilidade de inscrição simbólica (abertura das cadeias significantes) é o que pode livrar o ser de linguagem de significações cristalizadas e mortíferas, uma vez que só a errância do discurso é capaz de sustentar a mobilidade do desejo.

Urdir a escrita deste memorial me fez crer que a narrativa de uma trajetória de vida, no caso, o testemunho de uma carreira acadêmica, sugere também a realização de um trabalho de luto. Luto que se materializa por meio da palavra e que possibilita redirecionar aquele que o efetiva para novos investimentos libidinais, já que não se deixa a origem, a não ser quando se sabe o que se perdeu graças a uma palavra trocada no presente.

Assinalo que, na tentativa de trazer à cena um recorte de memórias do que vivenciei, impôs-se um quê de interdito, de não simbolizável, pois o humano não pode elidir a função de desconhecimento que o caracteriza. Penso que o que realmente importa é que se possa deixar trilhas, vestígios de uma passagem, inscrições significantes, imagens de uma construção egoica marcada pela corporeidade.

Neste sentido, Freud alerta que o texto vivencial sempre busca um destinatário, um endereçamento, para que a inscrição das marcas simbólicas possam produzir sentido, pois somos mensageiros de algo, mesmo que desconheçamos a mensagem.

Diante do que foi exposto, o que ainda precisaria ser dito, no sentido de que olhar para o passado é um dever da memória? Talvez reste destacar que falei/narrei a partir de uma posição feminina em uma sociedade falocêntrica, ainda tão marcada por assimetrias no que se refere aos caminhos/oportunidades socialmente destinados para homens e mulheres.

Se o *logos* é culturalmente aparentado ao masculino e a *desrazão* ao feminino, adentrei em um terreno pantanoso quando, ao me tornar professora, ousei me apossar do *falo da fala*. Não se deve esquecer que historicamente a mulher se situa fora de uma hegemonia cultural, levando-se em conta as condições de sua enunciação.

A ordem da cultura é predominantemente androcêntrica, ou seja, durante milênios, as mulheres não foram convocadas a terem voz no espaço público, uma vez que o código linguístico foi construído por homens. Dessa forma, pode-se asseverar que a fala/escrita feminina se inscreve, muitas vezes, como uma “língua estrangeira” que compromete o corpo e

desintelectualiza a escrita. Como se evidencia, foi a partir deste prisma que elaborei esta narrativa, mesmo me situando em um ambiente acadêmico.

Considero que, no fim deste processo de rememoração, torna-se viável projetar futuros possíveis, pois, como se sabe, o amanhã depende do ontem. Ensinar, para mim, se configurou como uma experiência extremamente desafiadora não só pela necessidade de aprender sempre, bem como por ser inevitável construir uma relação de intimidade, partilha de dúvidas, renúncia às certezas, processo que se estabeleceu entre eu e meus alunos/as.

No apagar das luzes, tive a oportunidade de ouvir o filósofo francês Luc Ferry no evento *Fronteiras do Pensamento*, no dia 30/09/2023, em Fortaleza. Algo na sua fala capturou minha atenção: “Como ensinar em uma sociedade refém da inovação tecnológica?”

Isto me fez passar em revista os 23 anos durante os quais me dediquei à docência, questionando-me, mais uma vez, sobre o lugar da interação humana e o papel dos professores e professoras fortemente vocacionados.

Como já registrei anteriormente, devo aos meus mestres e mestras inspirados/as a bifurcação da minha vida, da minha visão de mundo, o que me permitiu explorar novos horizontes e amar até o que é difícil, complexo.

Acredito que ainda haverá lugar para docentes que se empenhem em entrelaçar “cabeça, coração e mãos” no seu ofício! Desejo estar junto deles no momento no qual teremos que repensar o ensino, a partir do impacto da inteligência artificial, do Chat GPT, por exemplo.

Desejo que, na sociedade da inovação, da hipercomunicação e que incita ao prazer e ao consumo desenfreado, o trabalho com o pensamento se faça cada vez mais necessário, já que as novas gerações reivindicam sentido, propósito social para as suas existências. Esta foi e continuará sendo a minha aposta, agora que já sou capaz de vislumbrar o horizonte da retirada da cena acadêmica.

Primo Levi (1919-1987), escritor italiano e representante da chamada “literatura de testemunho”, sustenta que é possível recriar mundos a partir de experiências memorialísticas e que a humanidade se divide entre “os que calam e os que contam”.

Tentei me perfilar ao lado dos que contam! Como de hábito, se insinua a questão: Serei eu conforme ao que o olhar do Outro espera de mim? Michel Foucault (1926-1984), filósofo e historiador francês, esclarece que a questão da autoria se institui no contexto histórico a partir do momento em que o sujeito pode ser punido e/ou responsabilizado por aquilo que diz.

Em meu auxílio e para concluir, convoco o dizer do psicanalista Jean-Bertrand Pontalis:

*“As palavras, minha palavras, jamais serão minhas. Mas é preciso ter querido que se tornassem minhas para reconhecer que não pertencem a ninguém, e que assim, não tendo dono nem senhor, para sempre estrangeiras, nelas posso me perder e me encontrar.”*

## ANEXOS

## PRODUÇÕES MAIS RELEVANTES DOS ÚLTIMOS CINCO ANOS

## Produção Intelectual

Capítulo de Livro publicado

Publicou os capítulos de livros relacionados abaixo:

1. TEIXEIRA, L. C. ; **TOMAZ, J. M. T.** . A POLÍTICA DA MEMÓRIA EM ADRIANA VAREJÃO: INTERPELAÇÕES À PSICANÁLISE. In: Jacqueline de Oliveira Moreira; Miriam Dibieux Rosa. (Org.). Violência e psicanálise: atualizações intersaberes. 1ed.São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2021, v. 1, p. 244-256.
2. TEIXEIRA, L. C. ; **TOMAZ, J. M. T.** ; CRUZ, D. M. ; OLIVEIRA, P. F. ; MAPURUNGA, J. R. S. ; MATOS, S. S. ; FERREIRA, E. S. . DO LUGAR DE ASSISTIDA AO DE SUJEITO DO DESEJO: escuta clínica com mulheres em situação de violência doméstica em tempos de COVID-19.. In: Leonardo José Barreira Danziato; Leônia Cavalcante Teixeira; Jean-Luc Gaspard. (Org.). Violência de Gênero e Ódio ao Feminino. 1ed.: CRV, 2021, v. 1, p. 277-290.
3. **TOMAZ, Jerzuí Mendes Tôrres**; TEIXEIRA, L. C. ; SALES, E. R. ; SILVA, E. A. . O Fenômeno do Bolsonarismo e a Negação da Alteridade: notas sobre psicanálise e política no Brasil contemporâneo. In: Jacqueline de Oliveira Moreira; Ana Carolina Dias Silva. (Org.). 100 Anos Psicologia das Massas: Atualizações e Reflexões. 1ed.Curitiba: CRV, 2021, v. 1, p. 63-78.
4. **TOMAZ, Jerzuí Mendes Tôrres Tomaz**; ANJOS, Tereza Cristina Carvalho dos ; TAVARES, Carlos Henrique Falção . Uma análise do exercício da preceptoria e as Diretrizes Curriculares Nacionais no Programa de Prevenção e Controle de Doenças Sexualmente Transmissíveis, Aids e Hepatites Virais do Município de Maceió. In: Josineide Francisco Sampaio; Grazielle Rodrigues de Carvalho Nascimento; Adenize Ribeiro da Silva Marques; Divanise Suruagy Correia; Waldemar Antônio das Neves Júnior; Cristina Camelo de Azevedo. (Org.). Contribuições do Mestrado Profissional no Ensino na Saúde para a Integração Ensino, Serviço e Comunidade. 1ed.Maceió- Alagoas: Editora da Universidade Federal de Alagoas- EDUFAL, 2021, v. 1, p. 121-146
5. TEIXEIRA, L. C. ; JOSÉ BARREIRA DANZIATO, LEONARDO ; CRUZ, D. M. ; **TOMAZ, JERZUI MENDES TORRES** ; GASPARD, J. . VICISSITUDES DOS ESTUDOS DECOLONIAIS E DE GÊNERO NA CLÍNICA DE URGÊNCIA SUBJETIVA. In: TEIXEIRA, Leônia Cavalcante; DANZIATO, Leonardo José Barreira; CRUZ, D. M. ; TOMAZ, J. M. T. ; GASPARD, J.. (Org.). VIOLÊNCIA DE GÊNERO: APORTES CONCEITOS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO. 1ed.Curitiba: Editora CRV, 2022, v. 1, p. 191-208.

6. TEIXEIRA, Leônia Cavalcante ; **TOMAZ, JERZUI MENDES TORRES** ; SOUSA, O. D. N. . ANDREA E MARCOS: ENTRE TRAMAS FAMILIARES E INSTITUCIONAIS. In: Lêonia C Teixeira; Roseane F Nicolau. (Org.). Psicanálise & Políticas Públicas: a construção do caso clínico em equipes de saúde mental e a garantia de direitos fundamentais. 1ed.Curitiba: Editora CRV, 2022, v. 1, p. 93-99

#### Organização de livro

**VIOLÊNCIA DE GÊNERO - APORTES CONCEITOS E ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO.** 1ed.Curitiba: Editora CRV - 2022

#### Artigo publicado em periódicos indexados (ISSN)

PINHEIRO LOPES, JANARA ; **MENDES TÔRRES TOMAZ, JERZUI** ; MAIA CRUZ, DANIELLE ; CAVALCANTE TEIXEIRA, LEÔNIA ; ANDRADE BRAGA ROCHA, BRUNA ESTRELA ; JOSÉ BARREIRA DANZIATO, LEONARDO . ATENDIMENTOS PSICANALÍTICOS EM URGÊNCIA SUBJETIVA. Revista da ESP, v. 16, p. 66-74, 2022.

TOMAZ, Raíssa Mendes ; **TOMAZ, JERZUI MENDES TORRES** . The Brazilian Presidential Election of 2018 and the relationship between technology and democracy in Latin America. Journal of Information, Communication & Ethics in Society <sup>JCR</sup>, v. 18, p. 497-509, 2020.

#### Participação em eventos científicos, profissionais ou artísticos

1. Participou da Mesa Redonda “O Inconsciente e a Singularidade do Sujeito” como professora convidada no curso de extensão “Capacitação para o Enfrentamento da Violência de Gênero”. Elaborado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) em 2021
2. Participou do evento online Proseando sobre Psicanálise como palestrante e cujo trabalho apresentado teve como tema Violência de Gênero e a Clínica de Urgência Subjetiva: Reflexões, no Núcleo Psicanalítico de Maceió em 2022
3. Atuou como mediadora da “Mesa 2: Violência de Gênero e Arte”. Do Colóquio Violência de Gêneros: pesquisas e intervenções no Ceará, desenvolvido pelo Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade (LAEpCUS) realizado no dia 11 de novembro de 2022, na Universidade de Fortaleza.

## **Atividades de Pesquisa e Pós-Graduação**

### Projetos de Pesquisa

2021/atual - Participa das atividades semanais do Laboratório de Psicanálise, Cultura e Subjetividade – LAEpCUS integrando o Projeto de Pesquisa “Violência de Gênero contra a mulher: uma proposta de escuta e intervenção com as mulheres e com os filhos” da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) desde 16/08/2020 até a presente data.

### Bancas

#### Participação em Banca de Qualificação de Tese de Doutorado

1. Participou da Comissão julgadora do Exame de Qualificação de Tese de Doutorado do aluno Bruno Felipe Pedrosa. As cadeias do gozo: a rede de repetições hilstianas em 2019.
2. Participou da Comissão julgadora do Exame de Qualificação de Tese de Doutorado da aluna Alice Pereira Carneiro intitulada “Obscenidade e abjeção: a exceção em cena”, realizada no dia 15 de setembro de 2022, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
3. Participou da Comissão Julgadora do Exame de Qualificação de Tese de Doutorado da aluna Janara Pinheiro Lopes Intitulada “Intervenção psicanalítica clínico-política junto à adolescentes infames a partir da metapsicologia freudiana dos sonhos”, realizada no dia 13 de dezembro de 2022, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

#### Participação em banca de Tese de Doutorado

1. Participação em banca de Alice Pereira Carneiro. Espetáculo necropolítico: considerações sobre o estatuto da alteridade. 2023. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza.
2. Participação em banca de Janara Pinheiro Lopes. Intervenção psicanalítica clínico-política junto às adolescentes em privação de liberdade a partir da vivência onírica e do sonhar projetos de vida. 2023. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade de Fortaleza.
3. Participação em banca de Bruno Felipe Pedrosa Coutinho. As fases da poética de Hilda Hilst: As cadeias do gozo. 2020. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Alagoas

4. Participação em banca de Darislânia da Silva Rocha. A Reescrita da Infância: Memória Ficção e Sublimação em Graciliano Ramos.. 2019. Tese (Doutorado em Programa de Pós Graduação em Letras e Linguística - PPGLL) - Universidade Federal de Alagoas.

#### Participação em banca de Dissertação de Mestrado

1. Participou da Comissão Julgadora da dissertação de Mestrado da aluna Layanne Crystina Bandeira Nunes. A Integração Ensino, Serviço e Comunidade e Relação com a Formação Acadêmica: a percepção dos discentes do Curso de Medicina de uma Universidade Pública de Alagoas em 2019.
2. Participou da Comissão Julgadora da dissertação de Mestrado da aluna Francisca Barbara Costa Paulino intitulada: “Bissexualidade e sexualidades na adolescência”, defendida no dia 16 de dezembro de 2021, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
3. Participou da Comissão Julgadora da dissertação de Mestrado da aluna Patrícia Cysne Augusto maia intitulada “A experiência com a morte por parte dos profissionais de saúde no contexto da pandemia de COVID 19”, defendida no dia 09 de junho de 2022, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
4. Participou da Comissão Julgadora da dissertação de Mestrado da aluna Amanda Freitas Vince Alves intitulada “O sofrimento psíquico de adolescentes na perspectiva da inclusão escolar: análise dos discursos de profissionais da educação”, defendida no dia 21 de outubro de 2022, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
5. Participou da Comissão Julgadora da dissertação de Mestrado do aluno Elias Régis Candéa Florêncio intitulada “De onde vem essa falta de sentido?”; o sofrimento psíquico em alunos universitários pelos efeitos da racionalidade neoliberal”, defendida no dia 09 de novembro de 2022, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).

#### Participação em Banca de Qualificação de Dissertação de Mestrado

1. Participou da Comissão Julgadora do Exame de Qualificação da Dissertação de Mestrado da aluna Layanne Crystina Bandeira Nunes. A Integração Ensino, Serviço e Comunidade e Relação com a Formação Acadêmica: a percepção dos discentes do Curso de Medicina de uma Universidade Pública de Alagoas em 2019.
2. Participou da Comissão Julgadora do Exame de Qualificação da Dissertação de

Mestrado da aluna Maria Magaly Albuquerque Medeiros . Percepção de Internos de Medicina quanto ao Cuidado das Pessoas com Excesso de Peso na Atenção Primária à Saúde em 2019.

3. Participou da Comissão Julgadora do Exame de Qualificação da Dissertação de Mestrado da aluna Francisca Bárbara Costa Paulino intitulada “Bissexualidade e Sexualidades na Adolescência, realizado no dia 30 de agosto de 2021, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
4. Participou da Comissão Julgadora do Exame de Qualificação da Dissertação de Mestrado da aluna Olga Damasceno Nogueira de Sousa intitulada “Psicanálise e Psicose: os efeitos clínicos institucionais do dispositivo oficina de arte em um serviço residencial terapêutico”, realizado em 2021, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
5. Participou da Comissão Julgadora do Exame de Qualificação da Dissertação de Mestrado do aluno Elias Régis Candéa Florêncio intitulada “De onde vem essa falta de sentido?”; o sofrimento psíquico em alunos universitários pelos efeitos da racionalidade neoliberal”, realizado em 2021, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
6. Participou da Comissão Julgadora do Exame de Qualificação da Dissertação de Mestrado da aluna Patrícia Cysne Augusto Maia intitulada: “A experiência com a morte por parte dos profissionais de saúde no contexto da pandemia do COVID-19”, realizado em 2021, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
7. Participou da Comissão Julgadora do Exame de Qualificação da Dissertação de Mestrado da aluna Amanda Freitas Vince Alves intitulada “O sofrimento psíquico de adolescentes na perspectiva da inclusão escolar: análise dos discursos de profissionais da educação”, realizado no dia 07 de abril de 2022, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
8. Participou da Comissão Julgadora do Exame de Qualificação da Dissertação de Mestrado da aluna Fabricia Silva de Araújo Galindo intitulada “A Integração Ensino-Serviço dos Estágios Curriculares dos Cursos da Área da Saúde de uma Universidade Pública em um município de Alagoas”, realizada no dia 18 de abril de 2022 , no Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino na Saúde da Universidade Federal de Alagoas.
9. Participou da Comissão Julgadora do Exame de Qualificação da Dissertação de Mestrado da aluna Kliciane da Silva Oliveira, intitulada: “A construção do feminino na adolescência a partir do romance “A vida mentirosa dos adultos”, realizado em 2023, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).
10. Participou da Comissão Julgadora do Exame de Qualificação da Dissertação de Mestrado da aluna Carolina Rocha Peixoto, intitulada: “Uma história por trás de números:

um adolescente em situação de orfandade pela pandemia da Covid 19”, realizado em 2023, na Universidade de Fortaleza (UNIFOR).



Universidade Federal de Alagoas

Departamento de Administração de Pessoal

Direção Geral

**PORTARIA Nº 995, DE 20 JULHO DE 2021**

**O DIRETOR-GERAL DO DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO DE PESSOAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**, no uso das atribuições legais que lhe confere a delegação de competência constante na Portaria nº 645 do Gabinete da Reitoria, de 23 de junho de 2020, e tendo em vista o que consta no processo nº 23065.009243/2021-52, resolve:

Art. 1º Conceder Progressão a **JERZUI MENDES TORRES TOMAZ**, ocupante do cargo efetivo de Professor do Magistério Superior, matrícula Siape nº 2317887, lotado(a) no(a) Centro de Educação - CEDU, do nível 3 para o 4 da Classe D, com denominação de Professor Associado, a partir de 10 de maio de 2021, data da análise favorável pela comissão avaliadora, de acordo com o Ofício Circular nº 53/2018-MP, o art. 12 da Lei nº 12.772/12 e a Resolução nº 77/2013-Consuni/Ufal.

Art. 2º Estabelecer a retroatividade dos efeitos financeiros a partir de 10 de maio de 2021, data da análise favorável pela comissão avaliadora, de acordo com o Ofício Circular nº 53/2018-MP e o art. 13-A da Lei nº 12.772/12.

Art. 3º Esta portaria entra em vigor na data de sua publicação.

BRUNO MORAIS SILVA

JOSIMARA RODRIGUES DANTAS  
Autenticado Digitalmente



EMITIDO EM 24/03/2023 07:48

## CERTIDÃO FUNCIONAL

Certificamos que JERZUI MENDES TORRES TOMAZ, matrícula SIAPE 2317887, ocupante do cargo de PROFESSOR DO MAGISTÉRIO SUPERIOR, classe D - Associado, nível 004, do quadro de pessoal do(a) UFAL, foi admitido(a) a partir de 27/01/2003, sendo lotado(a) no(a) CENTRO DE EDUCACAO, em regime de Dedicção exclusiva.

Maceió/AL, 24 de Março de 2023.

Código de verificação:  
**32614934f5**

Para verificar a autenticidade deste documento acesse [http://sigrh.sig.ufal.br/sigrh/public/autenticidade/tipo\\_documento.jsf](http://sigrh.sig.ufal.br/sigrh/public/autenticidade/tipo_documento.jsf),  
Informando a matrícula siape, data de emissão do documento e o código de verificação.



## DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que o(a) Professor(a) **JERZUI MENDES TORRES TOMAZ**, matrícula **2317887**, lotado na(o) **CENTRO DE EDUCAÇÃO** ministrou as disciplinas abaixo relacionadas em **2021/1º Semestre**.

PEDAGOGIA		CH
PEDL095-M	DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM	72h
PEDL108-M	EDUCAÇÃO ESPECIAL	54h

Maceló, 24 de março de 2023

(assinatura e carimbo do diretor da UA)

ERANILDO DE SOUZA FERRAZ  
Matricula SIAPE 1121262  
UFAL - CEDU



## DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que o(a) Professor(a) **JERZUI MENDES TORRES TOMAZ**, matrícula **2317887**, lotado na(o) **CENTRO DE EDUCAÇÃO** ministrou as disciplinas abaixo relacionadas em **2021/2º Semestre**.

PEDAGOGIA		CH
PEDL095-M	DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM	72h
PEDL108-M	EDUCAÇÃO ESPECIAL	54h
PEDL095-M	DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM	72h
PEDL108-M	EDUCAÇÃO ESPECIAL	54h

Maceió, 24 de março de 2023

(assinatura e carimbo do diretor de UJA)  
ERALDO DE SOUZA FERRAZ  
Matrícula SIAP 1121262  
UFAL - CEDU

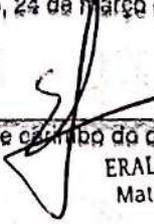


## DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que o(a) Professor(a) **JERZUI MENDES TORRES TOMAZ**, matrícula **2317887**, lotado na(o) **CENTRO DE EDUCAÇÃO** ministra as disciplinas abaixo relacionadas em **2022/2º Semestre**.

PEDAGOGIA		CH
PEDL095-M	DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM	72h
PEDL108-M	EDUCAÇÃO ESPECIAL	54h
PEDL095-M	DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM	72h
PEDL108-M	EDUCAÇÃO ESPECIAL	54h

Macaló, 24 de março de 2023

(assinatura e carimbo do diretor da UA)  
  
ERALDO DE SOUZA FERRAZ  
Matrícula SIAPE 1121262  
UFAL - CEDU



Universidade Federal de Alagoas  
Faculdade de Medicina  
Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde

FAMED - UFAL - Campus A. C.  
Simões  
Av. Lourival Melo Mota, S/N  
Cidade Universitária - Maceió-AL  
CEP. 57072-070

## DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que JERZUI MENDES TORRES TOMAZ, CPF nº 244.883.303-63, ministrou aulas na disciplina - INTERPROFISSIONALIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO NA SAÚDE, com carga horária de 45h, na turma de 2021.2, curso de Mestrado Profissional no Ensino na Saúde (MPES) na Faculdade de Medicina (FAMED), da Universidade Federal de Alagoas

Maceió, 29 de setembro de 2022.

Iane Lisboa de Vasconcelos  
Coordenadora do PPGES



Universidade Federal de Alagoas  
Faculdade de Medicina  
Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde

FAMED - UFAL - Campus A. C.  
Simões  
Av. Lourival Melo Mota, S/N  
Cidade Universitária - Maceió-AL  
CEP: 57072-020

## DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que JERZUI MENDES TORRES TOMAZ, CPF nº 244.883.303-63, ministrou aulas na disciplina - INTERPROFISSIONALIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE NO ENSINO NA SAÚDE, com carga horária de 45h, na turma de 2022.1, curso de Mestrado Profissional no Ensino na Saúde (MPES) na Faculdade de Medicina (FAMED), da Universidade Federal de Alagoas

Maceió, 05 de abril de 2023.

Prof.ª Dr.ª Maria Viviane Lisboa de Vasconcelos  
Coordenadora do PPGES



Universidade Federal de Alagoas  
Faculdade de Medicina  
Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde

FAMED - UFAL - Campus A. C.  
Simões  
Av. Lourival Melo Mota, S/N  
Cidade Universitária - Maceió-AL  
CNPJ: 07.023.020

## DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que JERZUI MENDES TORRES TOMAZ, CPF nº 244.883.303-63, coordena o trabalho da mestranda Maria Rosa Vilela de Castro intitulado "A utilização da plataforma digital e o desenvolvimento de práticas de cuidado em saúde mental no contexto da pandemia da COVID-19, de março de 2021 até a presente data, no curso de Mestrado Profissional no Ensino na Saúde (MPES) na Faculdade de Medicina (FAMED), da Universidade Federal de Alagoas

Maceió, 05 de abril de 2023.

Prof.ª Dr.ª Maria Viviane Lisboa de Vasconcelos  
Coordenadora do PPGES



Universidade Federal de Alagoas  
Faculdade de Medicina  
Programa de Pós-graduação em Ensino na Saúde

FAMED - UFAL - Campus A. C.  
Simões  
Av. Lourival Melo Mota, S/N  
Cidade Universitária - Maceió-AL  
CEP: 57072-070

## DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que JERZUI MENDES TORRES TOMAZ, CPF nº 244.883.303-63, concluiu em março de 2023, a coorientação do trabalho da mestranda Ana Flávia Rodrigues Leão Melro, intitulado "Comissão Intersetorial de Recursos Humanos e Relações de Trabalho: O Controle Social e a Integração Ensino, Serviço e Comunidade no Município de Maceió-AL, do curso de Mestrado Profissional no Ensino na Saúde (MPES) na Faculdade de Medicina (FAMED), da Universidade Federal de Alagoas

Maceió, 05 de abril de 2023.

Profª. Drª Maria Viviane Lisboa de Vasconcelos  
Coordenadora do PPGES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
COLEGIADO DO CURSO DE PEDAGOGIA

## DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins que a **Profa. Dra. JERZUI MENDES TORRES TOMAZ** foi **Avaliadora** do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC – durante o ano de 2022, da aluna do Curso de Pedagogia abaixo relacionada:

**Aluna:** Jael Alves Silva

**Título:** OPERACIONALIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO DAS PROPRIEDADES DO SISTEMA DE ESCRITA ALFABÉTICA VIA MTS COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

**Palavras-chave:** Leitura. Escrita. Sistema de Escrita Alfabética. Transtorno do Espectro Autista.

**Áreas do conhecimento:** Educação

**Banca:** Profa. Dr. Leonardo Brandão Marques (CEDU/UFAL)  
Profa. Dra. Jerzui Mendes Torres Tomaz (CEDU/UFAL)  
Profa. Dra. Adriana Cavalcanti dos Santos (CEDU/UFAL)

Maceió, 17 de fevereiro de 2022.

*Eraldo de Souza Ferraz*

Prof. Me Eraldo de Souza Ferraz  
Coordenador do Curso de Pedagogia  
Matricula: 1121262

# Violências e Psicanálise: atualizações intersaberes Violences et Psychanalyse : actualités entre savoirs

## **UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**REITOR**

Vahan Agopyan

**VICE-REITOR**

Antônio Carlos Hernandes

**DIRETORA INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

Ana Maria Loffredo

**VICE-DIRETOR INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

Gustavo Massola

## **ORGANIZADORAS**

Jacqueline de Oliveira Moreira

Miriam Dibieux Rosa

## **CONSELHO EDITORIAL**

Maria Cristina Vicentin (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo)

Mario Elkin Ramirez (Universidad de Antioquia - Colombia)

Mercedes Minicelli (Universidad Nacional de Mar del Plata - Argentina)

Sébastien Ponnou (Université de Rouen Normandie)



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença **Creative Commons** indicada.

**POURQUOI LA PAIX? GLOBALISATION, COLONIALISME ET VIOLENCES 214**

*Miriam Debieux Rosa, Deivison Faustino, Gabriel Inticher Binkowski e Priscilla Santos de Souza*

**A POLÍTICA DA MEMÓRIA EM ADRIANA VAREJÃO: INTERPELAÇÕES À PSICANÁLISE 244**

*Leônia Cavalcante Teixeira e Jertzui Mendes Torres Tomaz*

**LA POLITIQUE DE LA MÉMOIRE CHEZ ADRIANA VAREJÃO: DÉFIS A LA PSYCHANALYSE 257**

*Leônia Cavalcante Teixeira e Jertzui Mendes Torres Tomaz*

**GENOCÍDIO DE JOVENS NEGROS E A VIOLÊNCIA (IM)PERTINENTE NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O FANTASMA DA COLONIALIDADE E A PRODUÇÃO DO DESEJO DE FASCISMO ATUAL 270**

*Rose Gurski, Cláudia Perrone e Stéphanie Strzykalski*

**GÉNOCIDE DES JEUNES NOIRS ET VIOLENCE (IM) PERTINENTE AU BRÉSIL D'AUJOURD'HUI : LE FANTASME DE LA COLONIALITÉ ET LA PRODUCTION DU DÉsir ACTUEL DE FASCISME 293**

*Rose Gurski, Cláudia Perrone e Stéphanie Strzykalski*

**NOSSA PERVERSÃO-POLIMORFA: QUE NOS LEVA COMO SUJEITOS A PRODUZIR UMPAÍS TÃO VIOLENTO, CONSERVADORE INFANTIL? 318**

*Marcelo Ricardo Pereira*

**NOTRE PERVERSION-POLYMORPHE: QU'EST-CE QUE NOUS AMÈNE, EN TANT QUE SUJETS, À PRODUIRE UN PAYS SI VIOLENT, CONSERVATEUR ET INFANTILE ? 350**

*Marcelo Ricardo Pereira*

**SOBRE OS AUTORES 382**

Copyright © da Editora CRV Ltda.  
**Editor-chefe:** Railson Moura  
**Diagramação e Capa:** Designers da Editora CRV  
**Imagem de Capa:** Tinnakorn jorruang / Shutterstock.com (modificado)  
**Revisão:** Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

V795

Violência de gênero e ódio ao feminino / Leonardo José Barreira Danziato, Leônia Cavalcante Teixeira, Jean-Luc Gaspard (organizadores) – Curitiba : CRV, 2021.  
518 p.

Bibliografia

ISBN Digital 978-65-251-1435-4

ISBN Físico 978-65-251-1438-5

DOI 10.24824/978652511438.5

1. Psicologia 2. Violência de gênero 3. Ódio 4. Feminino – Feminismo 5. Psicanálise  
I. Danziato, Leonardo José Barreira, org. II. Teixeira, Leônia Cavalcante, org. III. Gaspard, Jean-Luc, org. IV. Título V. Série

CDU 364.27-055

CDD 305.42

Índice para catálogo sistemático

1. Violência de gênero – 305.42

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL  
EM FORMATO DIGITAL.  
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2021

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 – E-mail: [sac@editoracrv.com.br](mailto:sac@editoracrv.com.br)

Conheça os nossos lançamentos: [www.editoracrv.com.br](http://www.editoracrv.com.br)

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

VIOLENCE DE GENRE ET HAINE DU FÉMININ :  
altérité et dévoilement dans le traitement discursif du féminin ..... 215  
*Leonardo Danziato*  
*Gabriela Ferreira*  
*Luciana Lira*

MATAR MULHERES: que ódio é esse? ..... 237  
*Roseane Freitas Nicolau*  
*Paula Affonso de Oliveira*

TUER LES FEMMES : c'est quelle haine celle-là?..... 249  
*Roseane Freitas Nicolau*  
*Paula Affonso de Oliveira*

### A ESCUTA DA VIOLÊNCIA

DO LUGAR DE ASSISTIDA AO DE SUJEITO DO DESEJO:  
escuta clínica com mulheres em situação  
de violência doméstica em tempos de COVID-19..... 263  
*Leônia Cavalcante Teixeira*  
*Jerzui Mendes Tôres Tomaz*  
*Danielle Maia Cruz*  
*Priscilla Faheina de Oliveira*  
*Juçara Rocha Soares Mapurunga*  
*Sabrina Serra Matos*  
*Esther de Sena Ferreira*

DU LIEU D'ASSISTÉE À CELUI DU SUJET DU DÉsir:  
l'écoute clinique avec des femmes en situation  
de violence domestique en temps de COVID-19 ..... 277  
*Leônia Cavalcante Teixeira*  
*Jerzui Mendes Tôres Tomaz*  
*Danielle Maia Cruz*  
*Priscilla Faheina de Oliveira*  
*Juçara Rocha Soares Mapurunga*  
*Sabrina Rocha Matos*  
*Esther de Sena Ferreira*

A ESCUTA DA VIOLÊNCIA NO PROGRAMA RAPARIGA BIZ:  
enlaces entre psicanálise e política..... 291  
*Sandra Djambolakdjian Torossian*  
*Katia Regina Paim*  
*Yanisa Yusuf*

L'ÉCOUTE DE LA VIOLENCE DANS LE CADRE DU PROGRAMME  
RAPARIGA BIZ : entrelacs entre psychanalyse et politique..... 307  
*Sandra Djambolakdjian Torossian*  
*Katia Regina Paim*  
*Yanisa Yusuf*

Copyright © da Editora CRV Ltda.  
**Editor-chefe:** Railson Moura  
**Diagramação e Capa:** Designers da Editora CRV  
**Foto de Capa:** Samantha Hurley  
**Revisão:** Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

AN615

100 anos Psicologia das Massas: atualizações e reflexões / Jacqueline de Oliveira Moreira,  
Ana Carolina Dias Silva (organizadoras) – Curitiba : CRV, 2021.  
262 p.

**Bibliografia**

ISBN Digital 978-65-251-1665-5

ISBN Físico 978-65-251-1664-8

DOI 10.24824/978652511664.8

I. Psicologia 2. Psicanálise 3. Fenômenos de Massa 4. Freud, Sigmund I. Moreira, Jacqueline  
de Oliveira. org. II. Silva, Ana Carolina Dias. org. III Título IV. Série.

CDU 159.964.2

CDD 150.1952

Índice para catálogo sistemático

I. Psicologia – 150.1952

ESTA OBRA TAMBÉM ENCONTRA-SE DISPONÍVEL  
EM FORMATO DIGITAL.

CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2021

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 – E-mail: [sac@editoracrv.com.br](mailto:sac@editoracrv.com.br)

Conheça os nossos lançamentos: [www.editoracrv.com.br](http://www.editoracrv.com.br)

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
<i>Jacqueline de Oliveira Moreira</i>	
<i>Ana Carolina Dias Silva</i>	

INTRODUÇÃO	
PAIXÃO E POLÍTICA: subsídios para uma discussão crítica .....	15
<i>Carlos Roberto Drawin</i>	
<i>Jacqueline de Oliveira Moreira</i>	

## SEÇÃO I O (IN)ATUAL AUTORITARISMO BRASILEIRO

A PSICOLOGIA DAS MASSAS E O RECRUDESCIMENTO AUTORITÁRIO BRASILEIRO: um diálogo em duas cenas.....	49
<i>Angela Bucciano do Rosário</i>	
<i>Fuad Kyrillos Neto</i>	
<i>Thales Fonseca</i>	

O FENÔMENO DO BOLSONARISMO E A NEGAÇÃO DA ALTERIDADE: notas sobre psicanálise e política no Brasil contemporâneo .....	63
<i>Evilene Abreu Silva</i>	
<i>Emanuel Ramos Sales</i>	
<i>Jerzúí Mendes Tôres Tomaz</i>	
<i>Leônia Cavalcante Teixeira</i>	

O MILITARISMO BRASILEIRO COMO DISCURSO NÃO ANALISADO E SUA ESTRUTURA DE MASSAS.....	79
<i>Alberto Antunes Medeiros</i>	
<i>Roberto Calazans</i>	

## SEÇÃO II DESILUSÃO E DEMOCRACIA: algumas facetas

RECORDAR, REPETIR E... REPETIR: as massas e os autoritarismos de ontem e de hoje .....	101
<i>Domingos Barroso da Costa</i>	

NEM HORDA PRIMEVA, NEM ALÉM DO ÉDIPO: a "psicologia das massas" como possível solução à nossa melancólica pós-modernidade.....	117
<i>Marcelo Ricardo Pereira</i>	



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**

**Reitor**

Josealdo Tonholo

**Vice-reitora**

Eliane Aparecida Holanda Cavalcanti

**Diretor da Edufal**

José Ivamilson Silva Barbalho

**Conselho Editorial Edufal**

José Ivamilson Silva Barbalho - Presidente

Fernanda Lins de Lima - Secretária

Adriana Nunes de Souza

Bruno Cesar Cavalcanti

Cicero Pérciles de Oliveira Carvalho

Elaine Cristina Pimentel Costa

Gauss Silvestre Andrade Lima

Maria Helena Mendes Lessa

João Xavier de Araújo Junior

Jorge Eduardo de Oliveira

Maria Alice Araújo Oliveira

Maria Amélia Jundurian Corá

Michelle Reis de Macedo

Rachel Rocha de Almeida Barros

Thiago Trindade Matias

Walter Matias Lima

**Coordenação Editorial:** Fernanda Lins

**Revisão de Língua Portuguesa e ABNT:** Magna Barbosa dos Santos

**Imagem da capa e capa:** Batuque

**Diagramação:** Ed Vasconcelos

**Supervisão gráfica:** Márcio Roberto Vieira de Melo

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas

Biblioteca Central – Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 - 1767

---

C764 Contribuições do mestrado profissional em ensino na saúde para a integração ensino, serviço e comunidade / organizadores, Josineide Francisco Sampaio ... [et al.]. – Maceió, AL : EDUFAL, 2021. 274 p. : il.

Impresso e *E-book*.

Inclui bibliografias.

ISBN : 978-65-5624-086-2.

1. Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Medicina. Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde. 2. Sistema Único de Saúde (Brasil). 3. Mestrado profissional - Saúde. 4. Preceptoria. 5. Medicina de família e comunidade. 6. Ensino. I. Sampaio, Josineide Francisco.

CDU: 378.046.4:61

---

Direitos desta edição reservados à

Edufal - Editora da Universidade Federal de Alagoas

Centro de Interesse Comunitário (CIC)

Av. Lourival Melo Mota, s/n - Campus A. C. Simões

Cidade Universitária, Maceió/AL Cep: 57072-970

Contatos: [www.edufal.com.br](http://www.edufal.com.br) | [contato@edufal.com.br](mailto:contato@edufal.com.br) | (82) 3214-1111/1113

Editora afiliada:



**CONTRIBUIÇÕES DO MESTRADO PROFISSIONAL EM ENSINO NA SAÚDE  
PARA A INTEGRAÇÃO ENSINO, SERVIÇO E COMUNIDADE**

05. Uma análise do exercício da preceptoria e as Diretrizes Curriculares Nacionais no Programa de Prevenção e Controle das Doenças Sexualmente Transmissíveis, Aids e Hepatites Virais do Município de Maceió ..... 119  
*Teresa Cristina Carvalho dos Anjos, Carlos Henrique Falcão Tavares, Jerzui Mendes Torres Tomaz*
06. Vivência no SUS em Alagoas e sua contribuição para formação profissional em saúde sob a ótica dos preceptores ..... 145  
*Maria Edna Bezerra da Silva, Margarete Pereira Cavalcante, Rosana Brandão Vilela*
07. Preceptoria no estágio curricular de Nutrição: o desafio do fazer .. 175  
*Ana Patrícia Tojal de França, Antônio Carlos Silva Costa, Maria Alice Araújo Oliveira*
08. Os estágios em um serviço de urgência: o olhar dos gestores ..... 194  
*Maria Sharlene dos Santos Vieira, Lenilda Austrilino, Rosana Brandão Vilela*
09. Integração ensino-serviço na formação de enfermeiros na Estratégia Saúde da Família ..... 215  
*Durcival Francisco da Silva, Shirley Suely Soares Veras Maciel, Maria de Lourdes Fonseca Vieira*
10. Integração ensino-serviço nos discursos dos discentes da FAMED: revelando avanços e desafios ..... 246  
*Maria Liege Batista Araújo, Margarete Pereira Cavalcante*

*Organizadores*  
Leônia Cavalcante Teixeira  
Leonardo José Barreira Danziato  
Danielle Maia Cruz  
Jerzui Mendes Tôrres Tomaz  
Jean-Luc Gaspard

# **VIOLÊNCIA DE GÊNERO**

Aportes conceituais e estratégias de enfrentamento



# SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO ENFRENTAMENTOS À VIOLÊNCIA DE GÊNERO COMO UMA ÉTICA DO CUIDADO .....	15
---	----

*Leônia Cavalcante Teixeira*

*Leonardo José Barreira Danziato*

*Danielle Maia Cruz*

*Jerzuí Mendes Tôres Tomaz*

*Jean-Luc Gaspard*

## 1ª SEÇÃO

### VIOLÊNCIA DE GÊNERO E INSTITUIÇÕES

CAPÍTULO 1 DECLINAÇÕES DAS VIOLÊNCIAS E SEUS ENFRENTAMENTOS: crônica de um (des)caso .....	25
--	----

*Cristina Moreira Marcos*

*Edwiges de Oliveira Neves*

*Bruna Hallak*

CAPÍTULO 2 PARADOXOS NA ESCUTA PSICANALÍTICA DE MULHERES EM SITUAÇÃO DE RUA .....	41
---	----

*Sandra Djambolakdjian Torossian*

*Luísa Susin dos Santos*

*Daniel Araujo dos Santos*

CAPÍTULO 3 PSICANÁLISE E JUSTIÇA: articulações sobre uma práxis que se ocupa do <i>imundo</i> .....	53
---	----

*Aline Lima Tavares*

*Sonia Alberti*

Copyright © da Editora CRV Ltda.

**Editor-chefe:** Railson Moura

**Diagramação e Capa:** Designers da Editora CRV

**Imagem da capa:** “Mulheres profanadas”, de Maria do Socorro Montezuma Bulcão

**Revisão:** Os Autores

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
CATALOGAÇÃO NA FONTE

Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

---

V795

Violência de gênero – aportes conceituais e estratégias de enfrentamento / Leônia Cavalcante Teixeira, Leonardo José Barreira Danziato, Danielle Maia Cruz, Jerzui Mendes Tôrres Tomaz, Jean-Luc Gaspard (organizadores.). – Curitiba : CRV, 2022.  
248 p.

Bibliografia

ISBN Digital 978-65-251-3278-5

ISBN Físico 978-65-251-3277-8

DOI 10.24824/978652513277.8

1. Psicologia 2. Violência de Gênero 3. Violência contra a Mulher 4. Saúde – Políticas Públicas I. Teixeira, Leônia Cavalcante, org. II. Danziato, Leonardo José Barreira, org. III. Cruz, Danielle Maia, org. IV. Tomaz, Jerzui Mendes Tôrres, org. V. Gaspard, Jean-Luc, org. VI. Título VII. Série.

2022-26852

CDD 362.83

CDU 364.27-055.25

---

Índice para catálogo sistemático

1. Violência de gênero – mulher – 362.83

ESTA OBRA TAMBÉM SE ENCONTRA DISPONÍVEL EM FORMATO DIGITAL.  
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2022

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV

Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV

Tel.: (41) 3039-6418 – E-mail: [sac@editoracrv.com.br](mailto:sac@editoracrv.com.br)

Conheça os nossos lançamentos: [www.editoracrv.com.br](http://www.editoracrv.com.br)

Editora CRV - Proibida a impressão e/ou comercialização

**3ª SEÇÃO**  
**VIOLÊNCIAS DE GÊNERO, SEXUALIDADE E PATRIARCALISMO**

**CAPÍTULO 8**  
A OUTRA: o sujeito não universal do liberalismo ..... 135  
*Ecila Meneses*

**CAPÍTULO 9**  
"GÊNERO LOCAL": retratos da história das mulheres no Ceará e sua  
alta intensidade patriarcal..... 149  
*Daniele Ribeiro Alves*  
*Antônio Cristian Saraiva Paiva*

**CAPÍTULO 10**  
"A VIOLÊNCIA CONTRA A VAGINA É DISSEMINADA NO  
COTIDIANO": uma análise dos impactos da violência de gênero na  
autopercepção corporal e sexual de mulheres cis ..... 163  
*Marcelle Jacinto da Silva*  
*Antônio Cristian Saraiva Paiva*

**CAPÍTULO 11**  
"DORMINDO COM O INIMIGO": violência de gênero e disponibilidade  
psíquica materna ..... 177  
*Ângela Sousa de Carvalho*  
*Karla Patrícia Holanda Martins*

**4ª SEÇÃO**  
**RACISMO, VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E**  
**PERSPECTIVAS DECOLONIAIS**

**CAPÍTULO 12**  
VICISSITUDES DOS ESTUDOS DECOLONIAIS E DE GÊNERO NA  
CLÍNICA DE URGÊNCIA SUBJETIVA ..... 191  
*Jerzui Mendes Tôrres Tomaz*  
*Danielle Maia Cruz*  
*Leônia Cavalcante Teixeira*  
*Janara Pinheiro Lopes*  
*Luciana Ribeiro Lira*

Copyright © da Editora CRV Ltda.  
**Editor-chefe:** Railson Moura  
**Diagramação e Capa:** Designers da Editora CRV  
**Imagem da capa:** Ilustrador Raphael Pietro do Carmo Lameira  
**Revisão:** Os Autores  
**Assessoria Técnica:** Bruna Estrela; Lara Praxedes;  
Letícia Ferreira

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
CATALOGAÇÃO NA FONTE  
Bibliotecária responsável: Luzenira Alves dos Santos CRB9/1506

---

P974

Psicanálise & políticas públicas: a construção do caso clínico em equipes de saúde mental e a garantia de direitos fundamentais / Leônia Cavalcante Teixeira, Roseane Freitas Nicolau (organizadoras) – Curitiba : CRV, 2022.  
214 p.

Bibliografia  
ISBN Digital 978-65-251-2825-2  
ISBN Físico 978-65-251-2824-5  
DOI 10.24824/978652512824.5

1. Psicologia 2. Psicanálise 3. Saúde mental 4. Políticas públicas I. Teixeira, Leônia Cavalcante, org. II. Nicolau, Roseane Freitas, org. III. Título IV. Série.

CDD 150.1925

CDU 159.964

---

Índice para catálogo sistemático  
1. Psicanálise – 159.964

ESTA OBRA TAMBÉM SE ENCONTRA DISPONÍVEL EM FORMATO DIGITAL.  
CONHEÇA E BAIXE NOSSO APLICATIVO!



2022

Foi feito o depósito legal conf. Lei 10.994 de 14/12/2004  
Proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem autorização da Editora CRV  
Todos os direitos desta edição reservados pela: Editora CRV  
Tel.: (41) 3039-6418 – E-mail: [sac@editoracrv.com.br](mailto:sac@editoracrv.com.br)  
Conheça os nossos lançamentos: [www.editoracrv.com.br](http://www.editoracrv.com.br)

<b>CAPÍTULO 7</b> <b>PACIENTES COM DIAGNÓSTICO DE DISTROFIA DE DUCHENNE</b> <b>E SUA FAMÍLIA NO AMBULATÓRIO DE DOENÇAS RARAS .....</b>	<b>69</b>
<i>Petruska Oliveira Baptista Pereira</i> <i>Raimunda Helena Ferreira Feio</i>	

<b>CAPÍTULO 8</b> <b>O CASO DOS IRMÃOS COM DISTROFIA DE DUCHENNE .....</b>	<b>75</b>
<i>Maria Lívia Tourinho Moretto</i>	

<b>CAPÍTULO 9</b> <b>OS IRMÃOS .....</b>	<b>81</b>
<i>Roseane Torres de Madeiro</i> <i>Ana Miranda</i> <i>Suzana Rodrigues</i>	

<b>CAPÍTULO 10</b> <b>TRAUMA E DESEJO – O caso Os Irmãos .....</b>	<b>85</b>
<i>Daniela Scheinkman Chatelard</i> <i>Patrícia da Cunha Pacheco</i> <i>Suziani de Cássia Almeida Lemos</i>	

<b>CAPÍTULO 11</b> <b>ANDREA E MARCOS ENTRE TRAMAS FAMILIARES</b> <b>E INSTITUCIONAIS .....</b>	<b>93</b>
<i>Leônia Cavalcante Teixeira</i> <i>Jerzuí Mendes Tôrres Tomaz</i> <i>Olga Damasceno Nogueira de Sousa</i>	

## **SEÇÃO 2** **CAPS E CAPS AD**

<b>CAPÍTULO 12</b> <b>RELATÓRIO DE ACOMPANHAMENTO DA USUÁRIA NISE.....</b>	<b>103</b>
<i>Jesiel Ávila Gomes</i>	

<b>CAPÍTULO 13</b> <b>O QUE MAIS FAZER PARA EVITAR UMA TRAGÉDIA FAMILIAR? .....</b>	<b>107</b>
<i>Doris Rinaldi</i>	

<b>CAPÍTULO 14</b> <b>TRAVESSIA DE UM PERIGO: as encruzilhadas da clínica.....</b>	<b>113</b>
<i>Analice de Lima Palombini</i>	

Organizadores  
Leônia Cavalcante Teixeira  
Leonardo José Barreira Danziato  
Danielle Maia Cruz  
Jerzui Mendes Torres Tomaz  
Jean-Luc Gaspard

# **VIOLÊNCIA DE GÊNERO**

Aportes conceituais e estratégias de enfrentamento



# ATENDIMENTOS PSICANALÍTICOS EM URGÊNCIA SUBJETIVA - MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA EM TEMPOS DE COVID-19

*PSYCHOANALYTIC ATTENDANCE IN SUBJECTIVE URGENCY - WOMEN IN SITUATIONS OF  
DOMESTIC VIOLENCE IN TIMES OF COVID-19*

*ATENCIÓN PSICOANALÍTICA EN URGENCIA SUBJETIVA - MUJERES EN SITUACIÓN DE VIOLENCIA  
INTRA-FAMILIAR EN TIEMPOS DE COVID-19*

Janara Pinheiro Lopes<sup>1</sup>, Jerzui Mendes Tôres Tomazil<sup>2</sup>, Danielle Maia Cruz<sup>3</sup>, Leônia Cavalcante Teixeira<sup>4</sup>, Bruna Estrela Andrade  
Braga Rocha<sup>5</sup>, Leonardo Danziato<sup>6</sup>

## RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o aparato da escuta clínico-institucional em urgência subjetiva nas políticas públicas, a partir de atendimentos psicanalíticos de mulheres, via remota, em situação de violência doméstica em tempos da pandemia de COVID-19. Discute-se um caso clínico paradigmático, inserido no projeto de Pesquisa Intervenção do Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade (LAEP/CUS) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), em parceria com o Núcleo de Enfrentamento à Violência contra a Mulher (NUDEM), vinculado à Defensoria Pública do Estado do Ceará. Problematisa-se a complexidade da violência de gênero, evidenciando as tensões de uma visão dicotômica vítima e agressor. Conclui-se que diante do cenário da pandemia por coronavírus, novas exigências se impuseram no cotidiano, de forma que os atendimentos do dispositivo de urgência subjetiva com mulheres em situação de violência doméstica, tal como ilustrado no caso clínico, vêm permitindo um melhor posicionamento delas diante das situações de vulnerabilidade e risco. As interfaces entre o judiciário e a saúde mental apontam êxitos no que tange ao enfrentamento da violência doméstica.

**Descritores:** Políticas Públicas; Saúde Pública; Infecções por Coronavírus; Violência Doméstica; Psicanálise.

## ABSTRACT

The objective of this article is to analyze the apparatus of clinical-institutional listening in subjective urgency in public policy, with a focus on the psychoanalytic treatment of women (done remotely) in situations of domestic violence during the COVID-19 pandemic. The article discusses a paradigmatic clinical case, which is part of the intervention research project of the Laboratory of the Study of Psychoanalysis, Culture, and Subjectivity (LAEP/CUS) at the University of Fortaleza (UNIFOR) in collaboration with the Nucleus for Confronting Violence Against Women (NUDEM), which is associated with the Public Defender of the State of Ceará. It problematizes the complexity of gender-based violence exhibiting the tensions within the vision of a victim/aggressor dichotomy. It concludes that against the backdrop of the coronavirus pandemic, new demands have been imposed on daily life, so that treatments of the mechanism of subjective urgency with women in situations of domestic violence, such as the one illustrated by the clinical case, permit a better positioning of them against their situations of vulnerability and risk. The interfaces between the judiciary and mental health point to successes in dealing with domestic violence.

**Descriptors:** Public Policy; Collective Health; COVID-19; Domestic Violence; Psychoanalysis.

## RESUMEN

El objetivo de este artículo es analizar el aparato de escucha clínico-institucional en la urgencia subjetiva en las políticas públicas, desde la atención psicoanalítica de las mujeres, vía remota, en situaciones de violencia doméstica en tiempos de la pandemia del COVID-19. Se discute un caso clínico paradigmático, insertado en el proyecto de investigación de intervención del Laboratorio de Estudios sobre Psicoanálisis, Cultura y Subjetividad (LAEP/CUS) de la Universidad de

<sup>1</sup> Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Fortaleza, Ceará, Brasil. (0000-0002-1212-5025)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Alagoas, Maceió, Brasil. (0000-0002-9885-5773)

<sup>3</sup> Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Fortaleza, Ceará, Brasil. (0000-0003-1639-1547)

<sup>4</sup> Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Fortaleza, Ceará, Brasil. (0000-0002-4997-5349)

<sup>5</sup> Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Fortaleza, Ceará, Brasil. (0000-0002-4269-7315)

<sup>6</sup> Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Fortaleza, Ceará, Brasil. (0000-0002-8870-9123)



Fortaleza (UNIFOR) em associação com o Centro de Combate à Violência contra a Mulher (NUDEM), vinculado à Defensoria Pública do Estado de Ceará. A complexidade da violência de gênero se problematiza evidenciando as tensões de uma visão dicotômica de vítima e agressor. Se conclui que frente ao cenário pandêmico por coronavírus, se impuseram novas exigências à vida cotidiana, de maneira que, as assistências do dispositivo de urgência subjetiva com mulheres em situação de violência doméstica, como se ilustra no caso clínico, han ido permitindo um melhor posicionamento de ellas frente a situações de vulnerabilidade e riesgo. Las interfaces entre el poder judicial y la salud mental apuntan a un éxito en el enfrentamiento de la violencia doméstica.

**Descritores:** *Políticas Públicas; Salud Coletiva; Infecciones por Coronavirus; Violencia Doméstica; Psicanálisis.*

## INTRODUÇÃO

No contexto da pandemia de COVID-19, um fenômeno de notória visibilidade tem sido a violência fundamentada na desigualdade de gênero. Instituições mundialmente renomadas, como o Banco Mundial e a Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres, também conhecida como ONU Mulheres, constata que mulheres, em diferentes partes do mundo, vêm enfrentando diversas adversidades, como a violência doméstica.

No ano de 2020, no contexto da pandemia, o Brasil registrou, no primeiro semestre, 1,9% a mais no número de feminicídios que no mesmo período de 2019, conforme aponta o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)<sup>1</sup>. De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública, publicado em outubro de 2020, houve no Brasil, se comparado ao ano anterior, um aumento de 3,8% das ligações telefônicas para os serviços de utilidade pública da Polícia Militar relatando casos de violência doméstica<sup>2</sup>.

Foi a partir dessa compreensão do fenômeno da violência contra mulheres que o Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade-LAEpCUS, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia-PPGP da Universidade de Fortaleza-UNIFOR, realizou, em parceria com o “Núcleo de Enfrentamento à Violência contra a Mulher” (NUDEM), vinculado à Defensoria Pública do Estado do Ceará, a Pesquisa Intervenção denominada “Violência de Gênero no isolamento social da pandemia do covid-19: uma proposta de intervenção em urgência subjetiva com mulheres em situação de

vulnerabilidade e risco”, no período de 01/06/2020 a 31/12/2021, na cidade de Fortaleza/Ceará.

Em linhas gerais, podemos definir a violência de gênero contra a mulher como “qualquer ação ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto no âmbito público como privado”<sup>3</sup>. Sabemos, obviamente, que esse fenômeno toma como alvo, historicamente, a condição feminina e provoca efeitos severos, tanto físicos como psicológicos, em âmbito individual e coletivo.

No Brasil, a receptividade dos estudos de gênero se deu a partir dos anos 1970, interrogando, sobretudo, a naturalidade de uma acoplagem entre sexo e gênero. Prática política e discussões teóricas se retroalimentam permanentemente no sentido de desnaturalizar a acoplagem entre sexo e gênero, antes tomados como sinônimos. Se o conceito de sexo é entendido como uma categoria mais fixa, pensado da perspectiva biológica, gênero diria respeito muito mais aos papéis e construções sociais que homens e mulheres desempenham na vida cotidiana<sup>4</sup>.

Dado o cenário alarmante da violência contra mulheres, destaca-se a implementação das Leis nº 11.240/2006 e nº 13.104/2015, respectivamente conhecidas como Lei Maria da Penha e Lei do Feminicídio. Ambas transformaram a forma do Estado tratar a violência contra mulheres. Contudo, apesar das leis, os índices de violência contra mulheres crescem no país. De acordo com dados do Atlas da Violência, de 2008 a 2018, houve um aumento de 4,2% nos assassinatos de mulheres<sup>5</sup>. Os números de

feminicídios praticamente dobraram em alguns estados brasileiros, como é o caso do Ceará.

No Ceará, um dos órgãos de maior divulgação dos dados sobre a violência contra a mulher é a Casa da Mulher Brasileira, a qual concentra serviços especializados, como Centro de Referência, Juizado, Defensoria Pública e Ministério Público. Fundada em 2018, o intuito do equipamento foi reunir uma rede de enfrentamento em um mesmo local, dando, assim, celeridade a medidas urgentes. O Núcleo de Enfrentamento à Violência contra a Mulher-NUDEM, da Defensoria Pública do Ceará, situado na Casa da Mulher Brasileira, realizou, desde o início da quarentena (23 de março de 2020 a fevereiro de 2021), 9.019 procedimentos por meio das defensoras públicas e dos colaboradores da equipe psicossocial desse núcleo<sup>6</sup>.

Conforme se vê, o cenário é preocupante. Ainda que medidas jurídicas tenham sido estabelecidas, parecem não ser suficientes, já que questões históricas, culturais e políticas, associadas a heranças do passado colonial, como o patriarcado e o racismo, mostram que muitas lutas precisam ser travadas para mudanças mais amplas na lógica discursiva e política no laço social, especialmente considerando que mulheres negras são o maior alvo das violências.

A violência contra a mulher deixa marcas severas, levando a sofrimentos psíquicos com inúmeros desdobramentos nas trajetórias de todos os envolvidos. Urge, portanto, além de todas as medidas citadas, a implementação de políticas públicas de saúde. Desde os anos 1990, a Organização Mundial de Saúde-OMS trata a violência contra mulheres como uma questão de saúde pública, fazendo um alerta para a implementação de políticas públicas de saúde<sup>7</sup>.

A partir do que foi exposto, toma-se no presente artigo, como argumento, a importância da inserção de um dispositivo de escuta clínico-institucional e intervenção psicanalítica no cerne das políticas públicas, denominado urgência subjetiva, de maneira que a condição de

singularidade possa ser escutada. Se, do ponto de vista legal, mulheres são socialmente acolhidas pelo Estado como vítimas de um fenômeno histórico, do ponto de vista da psicanálise, uma outra aposta também precisa ser feita, ancorada na ideia da possibilidade do deslocamento subjetivo, considerando o sofrimento a partir de uma perspectiva singular que leve em conta a trajetória de vida de cada mulher, suas formas de identificação com relações amorosas, cuja lógica basilar é a violência.

O objetivo deste artigo é analisar o aparato da escuta clínico-institucional em urgência subjetiva nas políticas públicas, a partir de atendimentos psicanalíticos de mulheres em situação de violência doméstica em tempos de COVID-19. Problematiza-se o posicionamento singular da mulher diante da situação de violência vivida, a partir da discussão de um caso clínico.

## METODOLOGIA

Ao longo da pesquisa em destaque, foi adotada a concepção metodológica da Organização Mundial da Saúde - OMS, que considera a violência de gênero como um modelo ecológico. Isso significa que esta pode ser analisada como uma prática sistêmica, legitimada por um discurso patriarcal e misógino, que se manifesta em diversas facetas discursivas e culturais, podendo-se destacar os denominados "crimes de ódio", assim como práticas de sexismo, espancamentos, mutilações, encarceramentos, infanticídios, feticídios, entre outros<sup>8</sup>.

Dado o cenário em tela, a presente pesquisa levou a cabo uma investigação sobre a violência de gênero no isolamento social, por meio do oferecimento de atendimentos em urgência subjetiva, por via remota, por uma equipe de psicanalistas e psicólogas norteadas pela teoria psicanalítica. Os atendimentos ocorreram por meio de ligações telefônicas e/ou plataformas digitais criptografadas, especialmente o WhatsApp, Google Meet e Skype, e de acordo com as demandas provenientes dos serviços assistenciais e

jurídicos, encaminhadas pela instituição parceira NUDEM.

A prestação de serviços psicológicos, por meio de tecnologias da informação e da comunicação, regulamentada pelas Resoluções CFP nº 011/2018 e CFP nº 04/2020, autoriza a oferta on-line de serviços como consultas e atendimentos psicológicos<sup>9,10,11</sup>. As psicanalistas, psicólogas e pesquisadoras responsáveis seguiram tais orientações.

Foram oferecidos para as mulheres atendimentos semanais de, em média, sessenta minutos, durante quatro a seis semanas, de acordo com o grau de vulnerabilidade apresentado. Vale destacar que, após serem inicialmente acolhidas pela equipe do NUDEM e passarem pelo atendimento psicossocial lá realizado, essas mulheres, para iniciarem o atendimento, já deveriam estar em um local seguro, separadas de seus agressores. Muitas delas se encontravam no período após o rompimento da relação de violência e se confrontavam com as inseguranças e desafios de uma nova vida.

Os dados sociodemográficos, obtidos a partir de um questionário padrão preenchido pelos profissionais que realizaram o trabalho de escuta em urgência subjetiva, demonstram que 52,6% das assistidas se encontravam na faixa etária de 31 a 40 anos, possuíam o ensino médio completo e tinham de 1 a 2 filhos, em média. A grande maioria delas professavam a fé cristã, católica e evangélica em destaque, e residiam com os filhos na mesma casa.

No que se refere aos tipos de violência observados, predominou, nos relatos das assistidas, referência à violência psicológica, seguida da física e, por fim, a violência moral, praticadas por ex-companheiros, ex-maridos ou ex-namorados.

Merece menção que 79,9% das mulheres solicitaram medida protetiva legal para se defenderem do agressor, bem como o fato de que o fenômeno da violência já ocorria antes da pandemia do Covid-19, o que foi intensificado durante o período de isolamento social associado à quarentena.

A presente pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Fortaleza (COÉTICA-UNIFOR) sob o parecer nº 4.306.052. Pela natureza da pesquisa, seguiu os princípios éticos determinados pelas Resoluções nº 466/2012 e nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde, que determinam as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas envolvendo seres humanos<sup>12, 13</sup>.

Para fins deste artigo, foi escolhido um caso clínico paradigmático de uma assistida intitulada Fênix, nome fictício, em razão do seu discurso evidenciar a angústia que se tornou insuportável, de forma que o dispositivo clínico-institucional da urgência subjetiva convocou-a a um reposicionamento diante do seu sofrimento psíquico. A seguir, serão apresentados os seguintes itens: a clínica da urgência subjetiva, a descrição e a discussão do caso clínico com as contribuições para o campo da saúde coletiva.

## RESULTADOS

### *A Clínica da Urgência Subjetiva*

As manifestações do mal-estar contemporâneo nos convocam a repensar a clínica e suas amplas possibilidades de intervenção. Tais manifestações têm se apresentado pela via do ato ou do afeto, como crises de ansiedade e angústia, suicídios, consumo excessivo de drogas lícitas ou ilícitas, sensação de desamparo e confusão mental, labilidade emocional, atos de violência autoagressiva e heteroagressiva<sup>14</sup>.

A clínica da urgência subjetiva é aqui pensada como uma via para se trabalhar com as situações nas quais o sujeito se encontra sem condições de se utilizar dos recursos psíquicos que antes o amparavam para lidar com os acontecimentos do seu cotidiano, diante da irrupção da imprevisibilidade da vida.

Na pesquisa realizada, os atendimentos em urgência subjetiva mobilizam os impactos psíquicos para mulheres diante da situação de relacionamentos abusivos e de violência doméstica que trazem repercussões para suas vidas e a

sociedade. Para ilustrar os efeitos desses atendimentos, será exposto o relato de uma mulher assistida pelo NUDEM, aqui apresentada com o nome fictício de Fênix.

Fênix, 27 anos, casada por 8 anos, tem 3 filhos desse relacionamento e está morando com a sua mãe, seu irmão e seus filhos desde janeiro de 2020, quando resolveu se separar do ex-marido. Em junho do mesmo ano, começou um novo relacionamento e o seu namorado mora atualmente com ela e a sua família. Relata que buscou uma delegacia da mulher após seu ex-marido invadir a casa onde reside, em um momento em que ele foi pegar as crianças e levá-las para a casa dele. Ao invadir, alegou que fez isso porque ela estava tendo relações sexuais com seu namorado na frente de seus filhos. A partir desse momento, Fênix decidiu abrir um Boletim de Ocorrência (B.O.) contra seu ex-marido, pedindo a medida protetiva e dando entrada no processo de divórcio.

Fênix sofria violências físicas, verbais, psicológicas e sexuais, sendo traída desde o início do relacionamento, no qual o companheiro sempre relatava essas traições, pois ele “fazia questão de que eu soubesse disso” (sic). Ela tomava “calmante para passar o dia dormindo” (sic), pois não queria entrar em contato com tudo o que estava acontecendo, principalmente com ele, pois afirmava ter medo de sair de casa, conseguir um emprego e não voltar viva por causa do ex-marido. Afirmou que, por várias vezes, pensou em tirar a própria vida, pois pensava que nada disso estaria acontecendo se ela estivesse morta ou, até mesmo, se ela nunca tivesse existido.

Fênix chegou ao atendimento psicanalítico em situação de crise diante da mudança de vida que decidiu realizar. A crise é o mais próximo do que poderíamos identificar como urgência. A crise pode ser compreendida como um estado de perturbação que ocorre quando o sujeito é exposto a um insuperável problema para seus modos habituais de solução<sup>15</sup>. A situação de crise pode decorrer de uma perda, de um evento ou de algo que caracterize uma ruptura, o que exige do sujeito

uma inédita tomada de posição na vida. Trata-se da invasão de uma experiência de paralisação da continuidade do processo da vida, deixando-o em momentos de inércia<sup>16</sup>.

A partir do uso do dispositivo clínico-institucional da urgência subjetiva em situações de crise, é possível traçar caminhos em direção a distintas significações acerca daquilo que caracteriza o sofrimento do sujeito, favorecendo-lhe mitigar seus efeitos e fazer uso de estratégias diversas para atravessar suas dificuldades na vida<sup>17</sup>.

As situações de crise são suficientes para tornar a urgência subjetiva em demanda de intervenção psicanalítica, por meio da qual o psicanalista convoca o sujeito a se reposicionar em relação àquilo de que padece, ressitua-o diante daquilo que se tornou insuportável e que a angústia denuncia, mediante o giro advindo da escuta disponibilizada pelo psicanalista<sup>14</sup>.

Nos atendimentos, Fênix relatou várias histórias de abusos sexuais que sofreu durante a vida e que isso a traumatizou desde a infância, uma vez que ela “não suporta ser abraçada por trás” (sic). Mesmo sabendo disso, era como seu ex-marido a abraçava, quando ela afirmava que se sentia desrespeitada. Fênix narrou que seu ex-companheiro mantinha relações sexuais com ela sem seu consentimento e alegou que engravidou, todas as vezes, em decorrência desses abusos, pois as gravidezes nunca foram planejadas, apenas “aconteciam” (sic).

Fênix explicitou que não rompeu o relacionamento antes com seu ex-marido porque ele sempre pedia desculpas, chorava muito, falava que iria mudar e que se ela o deixasse ele cometera suicídio. Além disso, ela tinha medo também de deixá-lo e seus filhos passarem fome, pois ela não trabalhava, apenas fazia “bicos” (sic) de cabeleireira e o dinheiro que ganhava não era suficiente. Então, o ex-companheiro sempre a depreciava, não reconhecia o trabalho dela, além de alegar que ela “saía de casa para vagabundar” (sic).

Por saber que era traída, Fênix tinha muito medo de contrair alguma infecção sexualmente

transmissível, então estava sempre indo ao médico, no posto de saúde, para fazer exames. Até que o médico pediu para que ela parasse de ir, pois ela estava bem e que não havia a necessidade de ir várias vezes durante o mês. Chama a atenção a não escuta do sofrimento de Fênix nas consultas médicas, uma vez que o trabalho interdisciplinar e da clínica ampliada no âmbito da saúde coletiva é preconizada pela Política Nacional de Humanização<sup>18</sup>. Interroga-se o motivo pelo qual o médico não trabalhou em parceria com o psicólogo na Atenção Básica ou nem realizou o encaminhamento de Fênix para atendimento psicológico em outro nível de atenção à saúde.

Para qualificar o modo de se fazer saúde, a clínica ampliada busca a integração da equipe de trabalhadores da saúde de áreas diversas, com a pretensão de um cuidado e tratamento de acordo com cada caso, com a criação de vínculo com o usuário. Considera-se a vulnerabilidade e o risco do indivíduo, bem como o diagnóstico não ser feito somente pelo saber dos especialistas clínicos, mas considerando a história de quem está recebendo o cuidado<sup>18</sup>.

Na última sessão, Fênix afirmou com muito entusiasmo que gostaria de comunicar uma notícia importante. Ela estava feliz com a homologação do divórcio, sentia-se livre, tranquila e mais relaxada. A requisição dela foi atendida pelo juiz, pois os filhos não iriam dormir na casa do pai, mas somente passar o dia com o ex-companheiro. Ele não cuidava das crianças e ela estava preocupada por ele ficar sozinho com os filhos à noite.

Por fim, declarou que se sentia vitoriosa por estar enfrentando o seu maior medo: seus filhos passarem fome após o término do relacionamento com o ex-marido. Isso não aconteceu, porque está conseguindo administrar a nova realidade com a família e, finalmente, poderá começar uma nova vida com seu atual namorado, conseguir um novo emprego ou até mesmo investir em sua profissão. Descreveu essa sensação como maravilhosa e única.

## DISCUSSÃO

Diante da proposta de atendimento psicanalítico em urgência subjetiva no campo das políticas públicas, não se pretende uma resposta adaptativa que prometa a restauração de um estado anterior à invasão da crise. A intervenção visa marcar a singularidade de cada vivência no seu contexto sociopolítico. Em momentos existenciais confusos e desalentadores, de tormentos que assolam o sujeito, um trabalho psicanalítico e fecundo não é impedido.

Diante de maiores agitações, numerosas desorganizações, enormes questionamentos, profundas angústias pela responsabilidade subjetiva em assumir um lugar nas experiências que lhe cabe viver, a psicanálise traz a oportunidade de intervir caso a caso, considerando as peculiaridades que cada sujeito possui para enfrentar a realidade do seu cotidiano<sup>19</sup>.

Fênix nos mostrou que a angústia que caracteriza a urgência subjetiva pode contribuir para mobilizar e romper com a posição de vítima que a mulher, por vezes, ocupa diante da situação da violência doméstica. Com a quebra da narrativa vitimista, a mulher pode ser convocada a se responsabilizar por seu desejo e a se implicar na sua própria vida.

Tais reflexões não negam, em absoluto, que existam vítimas decorrentes da dissonância de gênero e que os prejuízos causados pela violência contra a mulher provocam severos efeitos em âmbito individual e coletivo, o que requer medidas necessárias para a garantia de direitos. No entanto, a combinação entre tal condição vitimizada, acompanhada da proteção dos dispositivos judiciais que reforçam uma posição dicotômica agressor/vítima, pode resultar em consequências negativas e paradoxais para as mulheres. Esse arranjo pode acarretar uma situação da qual as mulheres procuram sair: a de serem tratadas como objeto, o que reforça a continuidade das suas condições de não implicação com as próprias narrativas, deixando-as aprisionadas em queixas infinitas<sup>20</sup>.

Há de se reconhecer o risco das políticas públicas de reduzir a dor de uma mulher que sofre violência à uma identidade rígida de vítima, pois isso limita a sua autonomia e a sua capacidade de ação. As elucidações teóricas da psicanálise, evidenciadas pelo trabalho de Cerruti e Rosa, apontam a impossibilidade de estabelecer uma verdade última sobre o sujeito<sup>20</sup>.

É extremamente necessário reconhecer esses impasses e ter a preocupação de não assumir o discurso em que o sujeito seja colocado apenas como vítima passiva do que lhe fizeram e que a lei soberana irá reparar. O cuidado no atendimento a mulheres violentadas passa pela importância da livre circulação da palavra, o que ajuda a criar um “campo para uma constante construção e reconstrução de uma narrativa singular, através da interrogação sobre o lugar que se ocupa na cartografia de poderes que modulam o laço social”<sup>20</sup>.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto atual da pandemia por COVID-19, destaca-se a necessidade da clínica psicanalítica da urgência subjetiva para intervir em mulheres que sofrem violência doméstica, visando lidar com o sofrimento psíquico. Investigamos, assim, o mal-estar relacionado à violência de gênero, com destaque para a violência doméstica.

As atuais políticas públicas, apesar dos significativos avanços no campo dos direitos humanos, em sua maioria, ainda pautam a questão da violência entre homens e mulheres a partir de uma visão dicotômica vítima/agressor. A posição de vítima precisa ser problematizada, o que significa considerar a complexidade do fenômeno da violência e sua construção histórico-social, política, econômica e cultural.

A experiência de atendimentos às mulheres violentadas pelos seus companheiros ou ex-companheiros, no Núcleo de Enfrentamento à Violência contra a Mulher (NUDEM) da Defensoria Pública do Ceará, evidencia os impasses dessa visão dicotômica vítima/agressor

da realidade. Os relatos da maioria das mulheres atendidas são bem demarcados no que tange às queixas que giram em torno da violência sofrida e da posição de vítima. Dada a sua complexidade, a violência de gênero pode ser pensada para além da dicotomia vítima e agressor, o que produz um tensionamento que convoca à responsabilização de cada sujeito pelo lugar que ocupa na dinâmica relacional. É possível observar que essas mulheres encobrem traços significativos da sua singularidade, ao falarem sempre de si mesmas através das cenas nas quais surgem vitimizadas.

É importante ressaltar que, quando refletimos sobre a vitimização, não estamos deslegitimando tal posição. Decerto, é legítimo o acolhimento pelo Estado, via políticas públicas, das mulheres que sofrem violência decorrente de um contexto estrutural com fortes heranças patriarcais. Contudo, é preciso ir além, fazendo uma aposta que possibilite ao singular se sobrepor à ideia da mulher abstrata e universal.

Dessa perspectiva, a escuta de cada mulher e não de “a mulher vítima de violência” traz, para o campo das políticas públicas, a riqueza de histórias que só podem ser narradas e, assim, construídas, em nome próprio. É no “uma a uma” que o trabalho cotidiano nos equipamentos jurídicos pode tomar corpo, o que interroga generalizações e explicações lineares acerca das posições na trama da violência.

Diante do cenário da pandemia por coronavírus, que impôs novos contornos e exigências ao cotidiano, os atendimentos em urgência subjetiva de mulheres em situação de violência doméstica podem possibilitar um melhor enfrentamento e posicionamento diante das situações de vulnerabilidade e risco.

Portanto, os atendimentos psicanalíticos com mulheres em situação de violência, a partir do dispositivo da urgência subjetiva nas interfaces entre o judiciário e a saúde mental, tal como ilustrado no caso clínico de Fênix, vem permitindo êxitos no que tange à responsabilização subjetiva de cada mulher pela posição que ocupa na trama da

violência. Faz-se necessário alertar para a importância da singularidade frente às generalizações para a consecução dos direitos, já que as questões envolvidas portam a marca das subjetividades.

## FOMENTO E AGRADECIMENTO

Ao financiamento da pesquisa pela Diretoria de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação (DPDI) da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). À parceria com o Núcleo de Enfrentamento à Violência contra a Mulher (NUDEM), vinculado à Defensoria Pública do Estado do Ceará.



### INFORMAÇÕES EDITORIAIS

Autor Correspondente  
Janara Pinheiro Lopes  
E-mail  
janarapineiro@unifor.br

Submetido  
30/05/2021  
Aceito para Publicação  
12/07/2021

## REFERÊNCIAS

1. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Violência doméstica durante a pandemia de covid-19 – Ed. 3: Nota Técnica de 24 de julho de 2020. Brasília: 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-ed03-v2.pdf>.
2. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020. 2020, 14. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/anuario-brasileiro-seguranca-publica/>.
3. Belém (PA). Convenção Interamericana para prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher [Internet]. Belém: 1994. Disponível em: <http://www.cidh.org/Basicos/Portugues/m.Belem.do.Para.htm>.
4. Scott J. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. Educação e Realidade. 1995; 20(2):71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71721>.
5. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Atlas da Violência. Ministério da Economia: IPEA [Internet]; 2020. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>.
6. Brasil. Relatório de Atendimento da Casa da Mulher Brasileira. Governo do Estado do Ceará. Fortaleza: 2021.
7. World Health Organization. WHO multi-country study on women's health and domestic violence against women: initial results on prevalence, health outcomes, and women's responses. 2005. Disponível em: <https://www.who.int/reproductivehealth/publications/violence/24159358X/en/>.
8. Bodiou L, Chauvaud F. Féminicides, féminicides et violences de genre. In Boudiou L, Chauvaud F, Gaussoit L, Grihon MJ, Laufer L, Santos B (Org.) Assassins de femmes. Le féminicide. Histoire et actualités. Paris: Hermann Éditeurs; 2019.
9. Conselho Federal de Psicologia. Resolução CFP nº 011, de 11 de maio de 2018. Regulamenta a prestação de serviços psicológicos realizados por meios de tecnologias da informação e da comunicação e revoga a Resolução CFP nº 11/2012. Conselho Federal de Psicologia [Internet]. 2018. Disponível em: <https://e-psi.cfp.org.br/resolucao-cfp-no-11-2018/>.
10. Conselho Federal de Psicologia. Resolução CFP nº 4, de 26 de março de 2020. Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19. Conselho

- Federal de Psicologia [Internet]. 2020. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-4-de-26-de-marco-de-2020-250189333>.
11. Mendonça VD. Atendimento psicológico online no contexto da pandemia de COVID-19. Cadernos ESP [Internet]. 2020;14(1):74-9. Disponível em: <https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/399>.
12. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Diário Oficial da União [Internet]. 2012. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html).
13. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 1 de abril de 2016. Diário Oficial da União [Internet]. 2016. Disponível em: [https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510\\_07\\_04\\_2016.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2016/res0510_07_04_2016.html).
14. Maron G. Urgência sem emergência? In: Maron G, Borsoi P (Org.). Urgência sem emergência?. Rio de Janeiro: Subversos, 2012. p. 14-28
15. Simões FLC. Clínica da urgência subjetiva: efeitos da psicanálise em um prontoatendimento [dissertação]. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais; 2011. 101 p.
16. Caplan G. Princípios de psiquiatria preventiva. Rio de Janeiro: Editora Paidós; 1980.
17. Rodrigues JA, Dassoler VA, Cherer EQ. A aplicabilidade do dispositivo clínico-institucional urgência subjetiva no tratamento da toxicomania. Mental [Internet]. 2012 jun;10(18). Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-44272012000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272012000100005).
18. Ministério da Educação (BR). Rede Humaniza SUS. Governo do Brasil [Internet]. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-sudeste/hc-ufu/comunicacao/noticias/rede-humaniza-sus>.
19. Kruszal L. Esclarecer a função da psicanálise. In: Harari A, Cardenas MH, Fruger F (Org.). Os usos da psicanálise: primeiro encontro americano do Campo Freudiano. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; 2003.
20. Cerruti MQ, Rosa MD. Em busca de novas abordagens para a violência de gênero: a desconstrução da vítima. Revista Mal-Estar e Subjetividade [Internet]. 2008; 8(4): 1047-76. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/nmes/article/view/4897>



## CERTIFICADO

CERTIFICO QUE JERZUI MENDES TORRES TOMAZ PARTICIPOU DA MESA REDONDA "O INCONSCIENTE E A SINGULARIDADE DO SUJEITO" COMO PROFESSORA CONVIDADA NO CURSO DE EXTENSÃO "CAPACITAÇÃO PARA O ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO", ELABORADO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA (UNIFOR).

Fortaleza, 12 de dezembro de 2021

LEONARDO DANZIATO  
COORDENADOR DO CURSO  
PROF. DOUTOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA  
DA UNIFOR



**Núcleo Psicanalítico de Maceió**

## DECLARAÇÃO

Declaramos que **Jerzui Mendes Torres Thomaz** participou do nosso evento online **Proseando sobre Psicanálise** como palestrante e cujo trabalho apresentado teve como tema **Violência de Gênero e a Clínica de Urgência Subjetiva : Reflexões**

Maceió, 18 de outubro de 2022

Atenciosamente,

Silvana Maria de Barros Santos

Diretora Científica do NPM (Núcleo

Psicanalítico de Maceió)/ SPR/ Febapsi/IPA



## DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que a Profa. Dra. Jerzuí Mendes Tôrres Tomaz está vinculada ao Laboratório de Psicanálise, Cultura e Subjetividade-LAEpCUS, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza-UNIFOR, no período de 16/08/2020 até a presente data. A professora acima mencionada participa das atividades semanais do LAEpCUS integrando o Projeto de Pesquisa "Violência de Gênero contra a mulher: uma proposta de escuta e intervenção com as mulheres e com os filhos" e o Projeto de Extensão "Atendimento online para mulheres em situação de risco e vulnerabilidade".

Fortaleza, 26 de abril de 2023.

Prof. Dr. Leonardo José Barreira Danziato

Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Coordenador do Laboratório de Psicanálise, Cultura e Subjetividade-LAEpCUS

Profa. Dra. Luciana Maria Maia

Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia

## CERTIFICADO

Certificamos que Jerzuí Mendes Tôres Tomaz atuou como mediadora da "Mesa 2: Violência de Gênero e Arte", do *Colóquio Violência de Gênero: pesquisas e intervenções no Ceará*, desenvolvido pelo Laboratório de Estudos sobre Psicanálise, Cultura e Subjetividade (LAEpCUS) e realizado no dia 11 de novembro de 2022, na Universidade de Fortaleza, das 8:00 às 17:00.

Fortaleza, 12 de dezembro de 2022.



---

Leonardo Danziato  
Coordenador do Laboratório de Estudos sobre  
Psicanálise, Cultura e Subjetividade



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
ENSINANDO E APRENDENDO

## DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que a Comissão Julgadora do Exame de Qualificação de Tese de Doutorado da aluna **Alice Pereira Carneiro** intitulada “**Obscenidade e abjeção: a exceção em cena**”, realizado no dia 15 de setembro de 2022, na Universidade de Fortaleza, foi composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Leonardo José Barreira Danziato (UNIFOR) - Orientador

Profa. Dra. Leônia Cavalcante Teixeira (UNIFOR) - Examinadora

Profa. Dra. Jerzui Mendes Tôrres Tomaz (UFAL) - Examinadora

Prof. Dr. Pablo Severiano Benevides (UFC) - Examinador

Profa. Dra. Cacia Linhares Pereira (UFC) - Examinadora



Fortaleza, 15 de setembro de 2022.

Prof. Dra. Luciana Maria Maia  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Universidade de Fortaleza - UNIFOR



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
ENSINANDO E APRENDENDO

## DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que a Comissão Julgadora do Exame de Qualificação de Tese de Doutorado da aluna Janara Pinheiro Lopes Intitulada "Intervenção psicanalítica clínico-política junto à adolescentes infames a partir da metapsicologia freudiana dos sonhos", realizado no dia 13 de dezembro de 2022, na Universidade de Fortaleza, foi composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Leônia Cavalcante Teixeira (UNIFOR) - Orientadora

Profa. Dra. Luciana Maria Maia Viana (UNIFOR) - Examinadora

Profa. Dra. Jerzuí Mendes Tôrres Tomaz (UFAL) - Examinadora

Profa. Dra. Jacqueline de Oliveira Moreira (PUC Minas) - Examinadora

Profa. Dra. Jaquelina Maria Imbrizi (USP) - Examinadora



Fortaleza, 13 de dezembro de 2022.

Prof. Dra. Luciana Maria Maia  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Universidade de Fortaleza - UNIFOR



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
ENSINANDO E APRENDENDO

## DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que a Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado da aluna **Francisca Barbara Costa Paulino** intitulada: "**Bissexualidades e sexualidades na adolescência**", defendida no dia 16 de dezembro de 2021, na Universidade de Fortaleza, foi composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Leonardo José Barreira Danziato (UNIFOR) – Orientador

Profa. Dra. Leônia Cavalcante Teixeira (UNIFOR) – Membro efetivo

Profa. Dra. Jerzuí Mendes Tôres Tomaz (UFAL) – Membro efetivo

Fortaleza, 16 de dezembro de 2021.



*Normanda Araujo de Moraes*

---

**Profa. Dra. Normanda Araujo de Moraes**  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Universidade de Fortaleza - UNIFOR



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
ENSINANDO E APRENDENDO

## DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que a Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado da aluna **Patricia Cysne Augusto Maia** intitulada: "**A experiência com a morte por parte dos profissionais de saúde no contexto da pandemia de COVID 19**", defendida no dia 09 de junho de 2022, na Universidade de Fortaleza, foi composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Leonardo José Barreira Danziato (UNIFOR) - Orientador

Profa. Dra. Jerzúí Mendes Tôrres Tomaz (UFAL) - Examinadora

Profa. Dra. Caciana Linhares Pereira (UFC) - Examinadora

Fortaleza, 09 de junho de 2022.



**Profa. Dra. Luciana Maria Maia**  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Universidade de Fortaleza - UNIFOR



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
ENSINANDO E APRENDENDO

## DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que a Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado da aluna **Amanda Freitas Vince Alves** intitulada: "**O sofrimento psíquico de adolescentes na perspectiva da inclusão escolar: análise dos discursos de profissionais da educação**", defendida no dia 21 de outubro de 2022, na Universidade de Fortaleza, foi composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Leônia Cavalcante Teixeira (UNIFOR) - Orientadora

Profa. Dra. Jerzuí Mendes Tôres Tomaz (UFAL) - Examinadora

Profa. Dra. Camilla Araújo Lopes Vieira (UFC) - Examinadora

Profa. Dra. Ana Carolina Borges Leão Martins (UFC) - Examinadora

Fortaleza, 21 de outubro de 2022.



**Profa. Dra. Luciana Maria Maia**  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Universidade de Fortaleza - UNIFOR



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
ENSINANDO E APRENDENDO

## DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que a Comissão Julgadora da Dissertação de Mestrado do aluno **Elias Régis Candéa Florêncio** intitulada: **“De onde vem essa falta de sentido?”: o sofrimento psíquico em alunos universitários pelos efeitos da racionalidade neoliberal**”, defendida no dia 09 de novembro de 2022, na Universidade de Fortaleza, foi composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Leônia Cavalcante Teixeira (UNIFOR) - Orientadora

Profa. Dra. Terezinha Teixeira Joca (UNIFOR) - Membro Efetivo

Profa. Dra. Jerzuf Mendes Tórres Tomaz (UFAL) - Membro Efetivo

Fortaleza, 09 de novembro de 2022.



**Profa. Dra. Luciana Maria Maia**  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Universidade de Fortaleza - UNIFOR



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
ENSINANDO E APRENDENDO

## DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que a Comissão Julgadora do Exame de Qualificação de Dissertação de Mestrado da aluna **Francisca Bárbara Costa Paulino** intitulada **"Bissexualidades e Sexualidades na Adolescência"**, realizado no dia 30 de agosto de 2021, na Universidade de Fortaleza, foi composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Leonardo José Barreira Danziato (UNIFOR) - Orientador

Profa. Dra. Leônia Cavalcante Teixeira (UNIFOR) - Examinadora

Profa. Dra. Jeruzi Mendes Tôrres Tomaz (UFAL) - Examinadora



Fortaleza, 30 de agosto de 2021.

*Normanda Araujo de Moraes*

---

**Profa. Dra. Normanda Araujo de Moraes**  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
ENSINANDO E APRENDENDO

## DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que a Comissão Julgadora do Exame de Qualificação de Dissertação de Mestrado da aluna **Patricia Cysne Augusto Maia** intitulada "A experiência com a morte por parte dos profissionais de saúde no contexto da pandemia do COVID 19", realizado no dia 07 de dezembro de 2021, na Universidade de Fortaleza, foi composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Leonardo José Barreira Danziato (UNIFOR) - Orientador

Profa. Dra. Jerzúí Mendes Tôrres Tomaz (UFAL) - Examinadora

Profa. Dra. Caciana Linhares Pereira (UFC) - Examinadora



Fortaleza, 13 de dezembro de 2021.

*Normanda Araujo de Moraes*

---

**Profa. Dra. Normanda Araujo de Moraes**  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
ENSINANDO E APRENDENDO

## DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que a Comissão Julgadora do Exame de Qualificação de Dissertação de Mestrado do aluno **Elias Régis Candéa Florêncio** intitulada **“De onde vem essa falta de sentido?”: o sofrimento psíquico em alunos universitários pelos efeitos da racionalidade neoliberal**, realizado no dia 09 de dezembro de 2021, na Universidade de Fortaleza, foi composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Leônia Cavalcante Teixeira (UNIFOR) - Orientadora

Profa. Dra. Terezinha Teixeira Joca (UNIFOR) - Examinadora

Profa. Dra. Jerzui Mendes Tôres Tomaz (UFAL) - Examinadora

Prof. Dr. Pablo Severiano Benevides (UFC) - Examinador



Fortaleza, 09 de dezembro de 2021.

*Normanda Araujo de Moraes*

---

**Profa. Dra. Normanda Araujo de Moraes**  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia



FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ  
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA  
ENSINANDO E APRENDENDO

## DECLARAÇÃO

Declaro, para os devidos fins, que a Comissão Julgadora do Exame de Qualificação de Dissertação de Mestrado da aluna Amanda Freltas Vince Alves intitulada "O sofrimento psíquico de adolescentes na perspectiva da Inclusão escolar: análise dos discursos de profissionais da educação", realizado no dia 07 de abril de 2022, na Universidade de Fortaleza, foi composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Leônia Cavalcante Teixeira (UNIFOR) - Orientadora

Profa. Dra. Jerzui Mendes Tôres Tomaz (UFAL) - Coorientadora

Profa. Dra. Ana Carolina Borges Leão Martins (UFC – Sobral) – Examinadora

Profa. Dra. Camilla Araújo Lopes Vieira (UFC – Sobral) - Examinadora



Fortaleza, 07 de abril de 2022.

---

Prof. Dra. Luciana Maria Maia Viana  
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Universidade de Fortaleza - UNIFOR

 Portal do Coordenador Stricto	<b>UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS</b> <b>SISTEMA INTEGRADO DE GESTÃO DE ATIVIDADES</b> <b>ACADÊMICAS</b>	
EMITIDO EM 25/01/2023 11:43		

## DECLARAÇÃO

Declaramos que a Profa. Dra. JOSINEIDE FRANCISCO SAMPAIO, CPF 940.000.504-00, participou como Presidente da Comissão Examinadora de Qualificação de Dissertação de Mestrado do(a) pós-graduando(a) FABRÍCIA SILVA DE ARAÚJO GALINDO, intitulada:

### **A INTEGRAÇÃO ENSINO-SERVIÇO DOS ESTÁGIOS CURRICULARES DOS CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA EM UM MUNICÍPIO DE ALAGOAS**

no PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO NA SAÚDE da UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, em sessão pública realizada por videoconferência no dia 18 de Abril de 2022 às 15:00.

### **Membros da Banca**

JOSINEIDE FRANCISCO SAMPAIO (UFAL - Presidente) ORIENTADOR(A)  
JERZUI MENDES TORRES TOMAZ (UFAL - Examinador(a) Interno(a))  
JARBAS RIBEIRO DE OLIVEIRA (UFAL - Examinador(a) Externo(a) ao Programa)

Prof(a). Dra. MARIA VIVIANE LISBOA DE VASCONCELOS  
Coordenador(a) do PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM ENSINO NA SAÚDE- UFAL

Número do Documento: 193980  
Código de Verificação: ef8ebcfae9

### **ATENÇÃO**

Para verificar a autenticidade deste documento acesse <http://sigaa.sig.ufal.br/sigaa/documentos/> e utilize o link *Ensino >> Declaração de Participação como Membro de Banca de Pós-Graduação Stricto Sensu*, informando o número do documento, a data de emissão e o código de verificação.

SIGAA | NTI - Núcleo de Tecnologia da Informação - (82) 3214-1015 | Copyright © 2006-2023 - UFRN - sig-app-2.srv2inst1